



- LIVRO DE ANAIS -

I MOSTRA CIENTÍFICA NACIONAL DAS CIÊNCIAS FORENSES

ORGANIZADORES:

Francisca Geisa Silva Martiniano
Anailda Fontenele Vasconcelos
Ana Caroline Paiva de Souza
Anna Victória L. S. de Castro Soares
Elane Cristina Fernandes Lima Sousa
Ingrid Lara Santos Oliveira
Maria Andressa Gomes de Lima
Pedro Henrique Magalhães Oliveira
Rafaella Queiroga Souto
Vitória Maria Almada Bezerra

I Mostra Científica Nacional das Ciências Forenses

- Livro de Anais -

Organizadores

Francisca Geisa Silva Martiniano
Anailda Fontenele Vasconcelos
Ana Caroline Paiva de Souza
Anna Victória L. S. de Castro Soares
Elane Cristina Fernandes Lima Sousa
Ingrid Lara Santos Oliveira
Maria Andressa Gomes de Lima
Pedro Henrique Magalhães Oliveira
Rafaella Queiroga Souto
Vitória Maria Almada Bezerra

Comissão Científica

Anailda Fontenele Vasconcelos
Andreza Aquino Pedroza
Bárbara Fontinele Bezerra
Celina Júlia Crispim Silva
Francisca Geisa Silva Martiniano
Geralda Meneses Magalhães de Farias
Ingrid Lara Santos Oliveira
Isabela Cristina Araújo Gonçalves
Jhonata Pereira Paiva
Juliana Oliveira Barros
Luiza Maria de Oliveira
Maria José Dias Gonzaga
Michele Nakahara Melo
Mônica Chaves
Rafael Rodrigo da Silva Pimentel
Rafaella Queiroga Souto
Rízia Kelly da Silva Gusmão

Editor Chefe:

Dr Guilherme Barroso Langoni de Freitas

Corpo Editorial:

Dr. Alaercio Aparecido de Oliveira

(Faculdade INSPIRAR, UNINTER, CEPROMEC e Força Aérea Brasileira)

Dra. Aldenora Maria Ximenes Rodrigues

MSc. Bárbara Mendes Paz

(Universidade Estadual do Centro-Oeste - PR)

Dr. Daniel Brustolin Ludwig

(Universidade Estadual do Centro-Oeste - PR)

Dr. Durinézio José de Almeida

(Universidade Estadual de Maringá - PR)

Dr. Everton Dias D'Andréa

(University of Arizona/USA)

Dr. Fábio Solon Tajra

(Universidade Federal do Piauí - PI)

Francisco Tiago dos Santos Silva Júnior

(Universidade Federal do Piauí - PI)

Dra. Gabriela Dantas Carvalho

Dr. Geison Eduardo Cambri

MSc. Guilherme Augusto G. Martins

(Universidade Estadual do Centro-Oeste - PR)

Dr Guilherme Barroso Langoni de Freitas

(Universidade Federal do Piauí - PI)

Dra. Hanan Khaled Sleiman

(Faculdade Guairacá - PR)

MSc. Juliane Cristina de Almeida Paganini

(Universidade Estadual do Centro-Oeste - PR)

Dr. Lucas Villas Boas Hoelz

(FIOCRUZ - RJ)

MSc. Lyslian Joelma Alves Moreira

(Faculdade Inspirar - PR)

Dra. Márcia Astrês Fernandes

(Universidade Federal do Piauí - PI)

Dr. Otávio Luiz Gusso Maioli

(Instituto Federal do Espírito Santo - ES)

Dr. Paulo Alex Bezerra Sales

MSc. Raul Sousa Andreza

MSc. Renan Monteiro do Nascimento

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Editora Pasteur, PR, Brasil)

M386 MARTINIANO, Francisca Geisa Silva *et al.*
I Mostra Científica Nacional das Ciências Forenses/
Francisca Geisa Silva Martiniano *et al.* - Irati: Pasteur, 2022.
1 livro digital; 49 p.; ed. I; il.

Modo de acesso: Internet

ISBN 978-65-867-0089-3

<https://doi.org/10.29327/554783>

1. Medicina 2. Ciências Forenses 3. Ciências da Saúde

I. Título.

CDD 610
CDU 601/618

PREFÁCIO

A **I Mostra científica Nacional das Ciências Forenses** foi organizada pela equipe da Práticas Forenses na Enfermagem em parceria com a Universidade Cruzeiro do Sul. O evento teve como objetivo, integrar as Ciências Forenses, destacando sua interdisciplinaridade e fomentar publicações científicas na área.

Os trabalhos deste livro foram divididos em duas categorias: resumo simples e resumo expandido. Os trabalhos foram selecionados com muito esmero pela Comissão Científica e trazem abordagens diversas, i.e. violência em suas diversas formas, instrumentos utilizados em coleta e recolha de vestígios, artifícios usados para identificação de pessoas em casos de desastre, exames realizados a fim de identificar desordem comportamental de determinados indivíduos que tendem a praticar um crime ou algo do tipo.

SUMÁRIO

A IMPORTÂNCIA DA IDENTIFICAÇÃO DE MAUS TRATOS NA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA PELA ENFERMAGEM FORENSE.....	1
LEVANTAMENTO CIENTÍFICO: CONHECIMENTO DO ENFERMEIRO FORENSE NA COLETA E PRESERVAÇÃO DE VESTÍGIOS EM VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA SEXUAL NO BRASIL	2
INDICADORES DE ÓBITO POR LESÕES AUTOPROVOCADAS NO ESTADO DA PARAÍBA	3
FATORES DE RISCO DE VIOLÊNCIA NO NAMORO DURANTE A ADOLESCÊNCIA: UMA REVISÃO DA LITERATURA	4
RESSIGNIFICAÇÃO ACERCA DA FENOMENOLOGIA <i>POST MORTEM</i> E A DIPTEROFAUNA AGREGADA A CADÁVERES HUMANOS. DECUPAGEM DA OBRA CINEMATOGRAFICA: A NOIVA CADÁVER.....	5
IMPACTO DA PANDEMIA POR COVID-19 NA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA À MULHER	6
VIOLÊNCIA CONTRA OS TRABALHADORES DA ENFERMAGEM BRASILEIRA NA PANDEMIA DE COVID – 19	7
ATUAÇÃO DA ENFERMAGEM NA DETECÇÃO DE SINAIS SUGESTIVOS DE VIOLÊNCIA CONTRA À MULHER: UMA REVISÃO DA LITERATURA.....	8
RELEVÂNCIA DA ASSISTÊNCIA MULTIPROFISSIONAL AO PACIENTE COM COVID-19	9
ASSOCIAÇÃO ENTRE VIOLÊNCIA E O SEXO DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS.....	10
FREQUÊNCIA DE VIOLÊNCIA POR ARMAS DE FOGO EM JOVENS NO ESTADO DA PARAÍBA	13
ATENDIMENTO HOSPITALAR DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA SEXUAL: PERCEPÇÃO DA ENFERMAGEM	17
ADOLESCENTES SOBREVIVENTES DE TRÁFICO HUMANO: UMA VISÃO SOBRE A ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM.....	20
ASSOCIAÇÃO DA VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA E A IDADE ENTRE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS QUE ESTÃO EM UM RELACIONAMENTO AFETIVO	23



SUMÁRIO

A IMPORTÂNCIA DO ENFERMEIRO NA PRÁTICA FORENSE UMA REVISÃO DA LITERATURA	26
ASSOCIAÇÃO ENTRE A VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA E A CAPACIDADE ARGUMENTATIVA ENTRE UNIVERSITÁRIOS COM RELACIONAMENTO AFETIVO	29
PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DAS VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA SEXUAL NO BRASIL ENTRE 2015 E 2019	32
ASSOCIAÇÃO DA VIOLÊNCIA E PRIMEIRO RELACIONAMENTO AFETIVO DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS.....	35
ASSOCIAÇÃO DA VIOLÊNCIA FÍSICA E O SEXO ENTRE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS	38
VIOLÊNCIA CONTRA O GÊNERO FEMININO DURANTE A CRISE PELA COVID-19	41

A IMPORTÂNCIA DA IDENTIFICAÇÃO DE MAUS TRATOS NA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA PELA ENFERMAGEM FORENSE

Maíra Baptista Da Silva¹, Mônica Chaves², Mariana Batista Braga²

1. *Graduanda em Enfermagem pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.*

2. *Mestre em Enfermagem. Enfermeira Forense. Docente do Curso de Enfermagem do Departamento de Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.*

INTRODUÇÃO: A violência infantil é um crime presente e intenso na sociedade global. No Brasil dos 159 mil registros realizados pelo Disque Direitos Humanos (disque 100) durante o ano de 2019, 86,8 mil são de violações dos direitos de crianças ou adolescentes. Houve um aumento de quase 14% em relação ao ano de 2018 (GOVERNO FEDERAL, 2020). Durante a pandemia por SARS-COV-II esse marco foi ainda superado. Houve um aumento de 50% de denúncias de atos de violência contra crianças e adolescentes junto aos Conselhos Tutelares, sendo que o abuso sexual foi o mais comum entre eles (PREFEITURA DO RIO, 2021). **OBJETIVO:** Demonstrar através de publicações relacionadas ao tema, sobre a importância do enfermeiro(a) forense no acolhimento e assistência de crianças e adolescente, vítimas de violência sexual, bem como exemplificar a gravidade destes acontecimentos no período infanto-juvenil. **METODOLOGIA:** Foi realizada uma revisão de literatura utilizando-se da Biblioteca virtual de Saúde, dos bancos de dados SciELO e do site de Biblioteca Digital de Periódicos da UFPR. Para tal, foi realizada busca bibliográfica no período de 2018 a 2021. Para busca foram utilizados os seguintes descritores: Maus-tratos infantis; Enfermagem Forense; Notificação de abuso. **RESULTADOS:** Foram encontrados e utilizados seis artigos na íntegra. Verificou-se que estes artigos abordavam sobre a atuação da Enfermagem Forense na abordagem a violência contra crianças e adolescentes, a importância do cuidado social, psicológico e humanístico da criança e do adolescente vulnerável à violência e, não exclusivamente, os procedimentos clínicos/tecnicistas, científicos e legais (SOUZA, 2020). Em 2018, foram computados, por meio no Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde do Brasil (DATASUS), através do SINAN, 350.354 registros de violência doméstica, sexual e/ou outras violências no Brasil, dos quais 140.373 (40,1%) foram de indivíduos na faixa de 0 a 19 anos idade; dentre esses, mais de um terço (36,4%) era de entre crianças até nove anos. O aumento no número de casos de violência infantil, conforme dados epidemiológicos mundiais e brasileiros, denota a importância do delineamento de condutas preventivas e de controle pelos diferentes setores da sociedade envolvidos (TORRES, 2021). **DISCUSSÃO:** Através deste trabalho que se já é de conhecimento de que a maior parte dos atos de violência contra crianças e adolescentes ocorre dentro de casa e que são os educadores os maiores responsáveis pela identificação e notificação de casos de maus-tratos, é de se esperar que permaneça o sério problema de subnotificação de maus-tratos infantis durante todo o ano de 2021 (Levandowski, 2021). Assim é explícita a necessidade de profissionais competentes para a apuração, notificação e cuidado dessa criança por parte da Enfermagem não somente especializada na área forense, mas de todos os profissionais da saúde. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Sendo os profissionais da saúde os que têm mais contato com essa população, estes devem ser os protagonistas da linha de frente em combate às violências (OLIVEIRA, 2021). Embora se reconheça a importância da notificação, tendem a repassar os casos de violência aos profissionais da Assistência Social. Outra questão é a incapacidade na identificação e notificação dos casos de violência contra crianças e adolescente, se mostrando de extrema importância a Enfermagem Forense na assistência a estas vítimas, bem como o preparo na atuação profissional para o combate à violência.

Palavras-chave: Maus-tratos infantis; Enfermagem Forense; Notificação de abuso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BVS- Biblioteca Virtual em Saúde. LILACS, BDENF- Enfermagem 2020. São Paulo. **Cenário da enfermagem forense na formação do enfermeiro na assistência e na pesquisa** Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1146055>. Acesso em 21/06/2021. Base de Dados.
- BVS- Biblioteca Virtual em Saúde. LILACS, BDENF- Enfermagem 2021. Rio de Janeiro. **Violência contra crianças: descrição dos casos em município da baixada litorânea do Rio de Janeiro** Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1249809>. Acesso em 21/06/2021. Base de Dados
- BVS- Biblioteca Virtual em Saúde. MEDLINE 2021. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/mdl-34008696>. Acesso em: 21/06/2021. Base de Dados.
- BVS- Biblioteca Virtual em Saúde. BDENF- Enfermagem 2021. São Paulo. **Proteção infantil durante a COVID-19: até quando os casos de maus-tratos infantis continuarão sendo subnotificados?** Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1146752>. Acesso em: 21/06/2021.
- PACKER, A. L. *et al.* SciELO pós 20 anos: o futuro continua aberto. In: SCIELO – Scientific Electronic Library Online. **SciELO em Perspectiva**. São Paulo, 19 dez. 2018. **Fatores associados à confirmação por exame médico legal de abuso sexual infantil**. Disponível em: <https://www.scielosp.org/article/csc/2018.v23n2/599-606/#> Acesso em: 21/06/2021.
- ZOTTIS, GAH, ALGERI, S; PORTELLA, VCC- Violência intrafamiliar contra a criança e as atribuições do profissional de enfermagem. **Família, saúde e desenvolvimento**. Paraná, v.8, n.2, p.151-153, 2006.
- Gov.br- Governo Federal- Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, **Ministério divulga dados de violência sexual contra crianças e adolescentes**. 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2020-2/maio/ministerio-divulga-dados-de-violencia-sexual-contra-criancas-e-adolescentes>. Acesso em: 21/06/2021.
- Prefeitura Rio- Assistência social, **Pandemia aumentou em 50% denúncias de violência contra crianças e adolescentes**. 2021. Disponível em: <https://prefeitura.rio/assistencia-social-direitos-humanos/pandemia-aumentou-em-50-denuncias-de-violencia-contra-criancas-e-adolescentes/>. Acesso em: 21/06/2021

LEVANTAMENTO CIENTÍFICO: CONHECIMENTO DO ENFERMEIRO FORENSE NA COLETA E PRESERVAÇÃO DE VESTÍGIOS EM VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA SEXUAL NO BRASIL

William França dos Santos¹, Mylena de Oliveira Silva¹, Thialy Maria Silva da Cunha e Souza¹,
Renata Cristinny de Farias Campina²

1. Acadêmico de Enfermagem pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).
2. Professora de Anatomia da UFPE (williamfds1997@gmail.com).

INTRODUÇÃO: Reconhecida como especialidade desde 2011, a enfermagem forense, no Brasil, atua em diversas áreas específicas, tais como assistência, coleta de evidências, preservação de vestígios, violências sexuais, dentre outros. A atuação do enfermeiro forense vai além dos cuidados individuais e coletivos, proporcionando construção no desenvolvimento de uma relação empática com a vítima, facilitando assim o reconhecimento e detalhes da situação e do acontecimento. Diante do exposto, saber reconhecer situações de violências, principalmente sexuais, é de fundamental importância para a prática e atuação do Enfermeiro nas unidades de saúde, permitindo dessa forma interligar a veracidade das provas coletadas com a esfera judiciária. **OBJETIVO:** Fazer um levantamento na literatura sobre a atuação do enfermeiro forense nos cuidados de vítimas de violência sexual, no âmbito brasileiro. **METODOLOGIA:** Realizado entre os meses de junho e julho do corrente ano, este estudo trata-se de uma revisão integrativa da literatura onde foi coletado artigos a partir de base de dados online: PUBMED, MEDLINE, LILACS, SCIELO, SCOPUS e SCIENCE DIRECT. Foi realizado o cruzamento entre Descritores em Ciências da Saúde (DECS). Os cruzamentos foram realizados da seguinte forma: *Forensic Nursing AND Sexual Violence*; *Forensic Nursing AND preservation of traces*; *Sexual Violence AND preservation of traces*. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** Após submeter os artigos nos critérios de inclusão e exclusão, obtivemos em torno de 20 artigos selecionados dentre as bases de dados supracitadas, entre os anos de 2002 a 2021, seguindo uma média de 1 artigo publicado por ano. Foi observado que 50% dos artigos selecionados mostraram a importância de implementação de programas, treinamentos, cursos ou capacitações envolvendo os enfermeiros, principalmente os que trabalham em emergências, indicando que a educação continuada deve ser uma prática cada vez mais comum na rotina da equipe de enfermagem. Na análise de outros artigos foi verificado a importância da inclusão de conteúdos forenses na grade curricular das graduações e pós-graduação em Enfermagem. Tendo o conhecimento adequado acerca da conduta que os enfermeiros traçam diante de situações de vítimas de violência, a proteção dos direitos do paciente pode ser mantida. Sabendo que o reconhecimento, por profissionais de enfermagem, de lesões violentas devem, por lei, ser relatados à esfera judicial. Ou seja, os processos judiciais devem conter evidências médicas e legais adequadas para investigar a atividade criminosa. Em outras palavras, esses profissionais são desafiados não apenas para fornecer cuidados adequados aos seus pacientes, mas também para fornecer cuidado enquanto mantém evidências vitais para um caso legal. **CONCLUSÃO:** De fato, é notório a escassez de material pertinente à conteúdos forenses no âmbito da área de enfermagem. Acreditamos que a inserção de disciplinas forenses aos currículos em programas de graduação e pós-graduação em Enfermagem é de fundamental importância para que tenha traçado um perfil de profissionais que saibam agir de forma adequada, diante de situações de violências, ou seja, de manter o equilíbrio entre cuidados clínicos e legais devem ser mantidos para proteger os direitos dos pacientes.

Palavras-chave: Enfermagem Forense; Violência Sexual; Medicina Legal; Prova Pericial.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Porta CM, Johnson E, Finn C. Male **Help-Seeking After Sexual Assault: A Series of Case Studies Informing Sexual Assault Nurse Examiner Practice**. J Forensic Nurs. 2018.
- De Oliveira Musse J, Santos VS, da Silva Santos D, Dos Santos FP, de Melo CM. **Preservation of forensic traces by health professionals in a hospital in Northeast Brazil**. Forensic Sci Int. 2020.
- Delgadillo DC. **When There is No Sexual Assault Nurse Examiner: Emergency Nursing Care for Female Adult Sexual Assault Patients**. J Emerg Nurs. 2017.
- Dash SK, Patel S, Chavali K. **Forensic nursing - Global scenario and Indian perspective**. J Forensic Leg Med. 2016.

INDICADORES DE ÓBITO POR LESÕES AUTOPROVOCADAS NO ESTADO DA PARAÍBA

Laryssa Portela de Araújo¹, Rebeca de Sousa Costa da Silva¹, Lara Dalamaria Serrano¹,
Gleicy Karine Nascimento de Araújo-Monteiro²

1. Acadêmica de enfermagem do Centro Universitário – UNIFACISA.
2. Docente do curso de enfermagem no Centro Universitário – UNIFACISA.

INTRODUÇÃO: A lesão autoprovocada é a violência que a pessoa inflige a si mesmo, podendo ser dividida em comportamento suicida e autoagressão. Se constitui como problema de saúde pública pois afeta diretamente a saúde do indivíduo, seja ela física ou mental. **OBJETIVOS:** Identificar os principais indicadores de óbitos por lesões autoprovocadas no estado da Paraíba. **METODOLOGIA:** Estudo quantitativo, do tipo ecológico, desenvolvido em base de dados online do Departamento de Informática do SUS (DATASUS). As informações foram extraídas do TABNET que consiste em um tabulador que é utilizado localmente a fim de possibilitar que profissionais da saúde tenham acesso rápido a estatísticas de saúde a partir da alimentação das informações locais relacionadas à situação de saúde. A seleção dos dados foi proveniente da referida base, no sistema de Estatísticas Vitais e seleção das taxas, de acordo com o CID-10, foram selecionados os óbitos por causas externas, no estado da Paraíba no ano de 2015 a 2019. Os dados foram exportados para planilha do *Microsoft Office Excel®* e foram apresentados por meio de estatística descritiva. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** Os resultados da pesquisa com um total de óbitos registrados de 1140 no estado da Paraíba, dos quais 221 foi no ano de 2015, 181 em 2016, 350 em 2017, 237 em 2018 e 251 no ano de 2019 sendo este o ano de maior ocorrência dos casos. Com relação ao local de ocorrência, o que teve prevalência maior com 63,54% dos casos foi o domicílio, com 13,68% o hospital e outros com 22,36% dos casos notificados. Referente a raça/cor, a que predominou foi a parda com 81,05% dos casos, branco com 12,36%, preto com 2,19% e outros com 4,38% dos casos. Quanto ao estado civil com maior incidência em solteiros com 34,29%, casados com 24,03%, outros com 15,26% e ignorado com 26,50% dos casos. Em relação ao sexo o masculino com 77,98% e o feminino com 22,01% dos casos. Quanto à idade, teve maior prevalência de 20 a 39 anos com 37,01%, seguido de 40 a 59 anos com 35,52%, 50 a 79 com 15,70, 10 a 19 anos com 8,68 e 80 ou mais com 2,19% dos casos. Em um estudo, em concordância, mostrou que o local de maior frequência é a via pública e indivíduos do sexo masculino. As lesões autoprovocadas tem grande impacto sobre a saúde, pois constituem um sinalizador de mal-estar e sofrimento de indivíduos, levando muitos a tirar sua própria vida. **CONCLUSÃO:** Houve um acréscimo no número de óbitos causados por lesão autoprovocada na Paraíba, sendo pessoas do sexo masculino, solteiros e de cor parda as principais vítimas. Dessa forma, os dados apresentados devem ser utilizados como ferramenta para a elaboração de estratégias de prevenção desse agravo, através da criação de campanhas criadas pelo Estado da Paraíba de conscientização voltadas para o público mais vulnerável à execução da lesão autoprovocada.

Palavras Chaves: Lesão; Óbito; Violência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Organização Mundial de Saúde. Relatório sobre a saúde no mundo 2001: saúde mental – nova concepção, nova esperança. Organização Mundial de Saúde (OMS). Genebra. 2001.
- HECK MR, Kantorski LP, Borges AM, Lopes CV, Santos MC, Pinho LB. **Ação dos profissionais de um centro de atenção psicossocial diante de usuários com tentativa e risco de suicídio.** Texto & contexto enfermagem, V. 1, n.21, p. 26-33, 2012.
- BAHIA CA, Avanci JQ, Pinto LW, Minayo MCS. Lesão autoprovocada em todos os ciclos da vida: perfil das vítimas em serviços de urgência e emergência de capitais do Brasil. Ciênc.
- BORGES, Jeane Lessinger; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. Esquemas iniciais desadaptativos como mediadores entre os maus tratos na infância e a violência no namoro na adolescência. Ciênc. Saúde coletiva, Rio de Janeiro, v. 25, n. 8, p. 3119-3130, 2020.

FATORES DE RISCO DE VIOLÊNCIA NO NAMORO DURANTE A ADOLESCÊNCIA: UMA REVISÃO DA LITERATURA

Laryssa Portela de Araújo¹, Rebeca de Sousa Costa da Silva¹, Lara Dalamaria Serrano¹, Gleicy Karine Nascimento de Araújo-Monteiro²

1. Acadêmica de enfermagem do Centro Universitário - UNIFACISA,
2. Docente do curso de enfermagem no Centro Universitário – UNIFACISA.

INTRODUÇÃO: A adolescência é uma fase de importantes transformações a nível físico e psicológicas. Os jovens aprendem a lidar com emoções, alterações hormonais próprias da puberdade, nesse desenvolvimento, o jovem se encontra exposto a um conjunto de circunstâncias como o namoro. Os adolescentes criam expectativas para o namoro como felicidade, amor, sexo e amizade. Na maioria dos casos, esses jovens estão sujeitos a diversas tipologias de violência durante o relacionamento e, quando o relacionamento não atende a expectativa, podem surgir problemas tanto psicológico quanto físico. A forma como os adolescentes vivenciam as experiências no namoro pode resultar diretamente como preditores de impactos negativos na vida desse indivíduo. Desse modo, questiona-se quais os principais fatores de risco de violência no namoro e na adolescência.

OBJETIVOS: Compreender quais os principais fatores de risco de violência no namoro e na adolescência. **MÉTODOS:** Trata-se de uma revisão integrativa da literatura científica, em que a busca foi realizada nos meses de abril a maio de 2021, nas bases de dados indexadas na Biblioteca Virtual de Saúde (BVS). Foram utilizados os descritores “Violência”, “Adolescentes” e “Violência por Parceiro Íntimo”, previamente verificados nos Descritores em Ciência da Saúde (DeCS). Compuseram a amostra 1028 artigos, que após a aplicação dos filtros “texto completo disponível”, “português” e “últimos 5 anos” obtiveram 31 artigos. Foram excluídos os que não atendiam ao tema proposto, de modo que ao final a amostra foi composta por 9 manuscritos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO: A violência durante a adolescência é um fator de risco para a repetição de padrões violentos em relações conjugais adultas, além do mais, está associada a várias consequências negativas a saúde mental dos envolvidos. O presente estudo tem apontado que sofrer violência no ambiente familiar se condiciona como fator de risco para possíveis violências no namoro em adolescentes, ser vítima de maus-tratos durante a infância também se configura como fator de risco, uma vez que pode se tornar um modelo de relações interpessoais violentas no futuro. Além disso, fatores associados a maus-tratos na infância, como insegurança, baixo autocontrole e baixa tolerância, estão diretamente ligados a possíveis ocorrências de agressões futuras.

CONCLUSÃO: O presente estudo mostrou que a violência no âmbito familiar e durante a infância, tem repercussão direta na saúde mental, bem como a violência em uma futura adolescência e em futuros namoros. Faz-se necessário mais estudos sobre a saúde do adolescente em casos de violência, para que tanto a população em geral como os profissionais educadores e da saúde, estejam atualizados e engajados afim de atenuar os índices de violência e poder promover saúde e prevenir futuros tipos de agressões.

Palavras-chaves: Violência; Adolescentes; Violência por Parceiro Íntimo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BORGES, Jeane Lessinger; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. Esquemas iniciais desadaptativos como mediadores entre os maus tratos na infância e a violência no namoro na adolescência. **Ciênc. Saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 8, p. 3119-3130, Aug. 2020.
- BORGES, Jeane Lessinger; HEINE, Julia Assumpção; DELL'AGLIO, Débora D. Variáveis pessoais e contextuais predictoras de perpetração de violência no namoro na adolescência. **Acta Colombiana de Psicología**, [S.L.], v. 23, n. 2, p. 438-469, 30 jul. 2020.
- BRANCAGLIONI, Bianca de Cássia Alvarez; FONSECA, Rosa Maria Godoy Serpa da. Violência por parceiro íntimo na adolescência: uma análise de gênero e geração. **Rev. Bras. Enferm.**, Brasília, v. 69, n. 5, p. 946-955, out. 2016.
- OLIVEIRA, Queiti Batista Moreira et al. Violência Física Perpetrada por Ciúmes no Namoro de Adolescentes: Um recorte de Gênero em Dez Capitais Brasileiras. **Psic.: Teor. E Pesq.**, Brasília, v. 32, n. 3, e32323, 2016.
- SILVA, Karla Costa et al. Representações sociais da violência no namoro elaboradas por adolescentes. **Pensando fam.**, Porto Alegre, v. 24, n. 1, p. 160-174, jun. 2020.

RESSIGNIFICAÇÃO ACERCA DA FENOMENOLOGIA *POST MORTEM* E A DIPTEROFAUNA AGREGADA A CADÁVERES HUMANOS. DECUPAGEM DA OBRA CINEMATOGRAFICA: A NOIVA CADÁVER

Mariana Batista Braga¹, Maíra Baptista da Silva¹, Mônica Chaves²

1. Acadêmica de Enfermagem pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG).
2. Mestre em Enfermagem. Enfermeira Forense. Docente do Curso de Enfermagem do Departamento de Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG). (Mary12braga@gmail.com)

INTRODUÇÃO: O estudo dos fenômenos mortis no âmbito psicossocial, eclodiu no século XX com o médico canadense William Osler (1849-1919). Em sua publicação de 1904, *A study of the act of dying* (o estudo do ato de morrer), são abordados os aspectos físicos e psicológicos da morte com o objetivo de minimizar o sofrimento das pessoas nesse processo (Kovács, 2002). Há portanto, um delineio de como a sociedade encara o óbito da própria espécie, e em como isso reflete em ações culturais fúnebres. Entretanto houve uma mudança abrupta na compleição da morte em si, tantopela notificação quanto pela romantização deste evento. Assim, há uma necessidade de reconfigurara perspectiva atual do recurso mortis por meio das ciências mortuárias, em especial a entomologia forense e o estudo dos dípteros necrófagos. **OBJETIVO:** Demonstrar a disposição sociocultural, acercada fenomenologia da morte, através dos aspectos biológicos que compõem a cadeia de sucessão ecológica na entomologia forense de um díptero necrófago. **METODOLOGIA:** Análise de dados originais da obra “A study of the act of dying” (OSLER 1904). Arguição por meio de decupagem dapelícula “Corpse Bride”- A noiva cadáver, animação em stop motion (BURTON 2005) **RESULTADOS:** Através da leitura de publicações verificou-se que há uma espécie de díptero necrófago, a *Apatura Iris*, popularmente denominada Imperador Roxo. Uma borboleta cujas asas dos machos obtêm após a maturação do inseto, cores azuis e arroxeadas. Esta borboleta se alimenta de carcaças animais e humanas. Tal comportamento é exposto de forma clara em análise ao filme *Corpse Bride*, que desde o início mostra as várias fases do díptero em consonância com a decomposição do cadáver feminino chamado Emily. A história da morte trágica da personagem é um indicativo para a propensão do desenvolvimento da diptero fauna, pois o corpo foi deixado em uma floresta. O crânio do cadáver já esqueletiforme apresenta nas primeiras cenas da película uma larva da *Apatura Iris* e ao fim, com a progressão do Intervalo Pós Morte (IPM), ocorre a metamorfose dessa na imponente borboleta imperador roxo. **DISCUSSÃO:** A resignificação deve acontecer a partir da preliminar exposta no filme de que a morte do ser humano não significa a conclusão do ciclo vital. Importante ressaltar que a partir da morte de um indivíduo a diversidade na colônia *Insecta* necrófaga aumenta. Nessa leitura breve da entomologia forense, coloca-se em pauta o que pode ser fonte para a expansão das ciências mortuárias embasada na perpetuação de pesquisas acadêmicas. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Não há muitas referências publicadas sobre o assunto, o que mostra a posição de conforto social do ser humano, em manter seus rituais culturais que repelem a morte como um mal. A especiosidade do fenômeno como abordado no filme é a quebra de vários conceitos que colocam o óbito enquanto evento orbicular e alinha as questões que a envolvem em um aparato de eventos *post mortem* e que tem muita importância na evolução das espécies. As sucessões ecológicas pulsam a vida no planeta e o complexo humanocentrismo deve ser superado.

Palavras-chaves: Entomologia forense; Morte; Insetos necrófagos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CORPSE Bride. **Produção de:** Tim Burton/Allison Abbate. Califórnia: Warner Bros, 2005.
- KOVACS, M. J. (2002) **Educação para a morte: desafio na formação de profissionais de saúde e educação** -Tese de livre docência- Instituto de Psicologia- Universidade de São Paulo.
- OSLER, William, A **study of the act of dying**. Ed. 3, Vol. 36. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz 1998. 164 p.

IMPACTO DA PANDEMIA POR COVID-19 NA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA À MULHER

Lara Dalamaria Serrano¹, Rebeca de Sousa Costa da Silva ¹, Laryssa Portela de Araújo¹,
Gleicy Karine Nascimento de Araújo-Monteiro²

1. Discente do curso de enfermagem do Centro Universitário UNIFACISA.
2. Docente do curso de enfermagem do Centro Universitário UNIFACISA.

INTRODUÇÃO: Com a pandemia da Covid-19 ocasionada pelo vírus SARS-CoV-2, que se configura por um quadro de doença respiratória contagiosa. Um dos meios de controle de propagação utilizados pelas autoridades dos estados foi a realização do isolamento social, impactando diretamente através do isolamento, os indicadores de violência doméstica. **OBJETIVOS:** Identificar na literatura o impacto da pandemia sobre a violência contra a mulher no âmbito doméstico. **METODOLOGIA:** Trata-se de uma revisão integrativa da literatura científica, visando atender o objetivo do estudo. A Busca foi realizada em agosto de 2021, nas bases de dados indexadas na Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), utilizando os descritores “Violência Doméstica”, “Mulher” e “Pandemia”, previamente verificados nos Descritores em Ciência da Saúde (DeCS). Compuseram a amostra 12 artigos, sendo aplicados os filtros “texto completo disponível”, “português” e “últimos 5 anos” e obtendo-se 8 artigos. Foram excluídos os que não atendiam ao tema proposto, possibilitando que a amostra final fosse composta por 5 manuscritos. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** O isolamento social foi baseado na manutenção da população em suas residências por determinado período, o que pode apresentar um sentido agravante para mulheres que se enquadram no perfil de violência doméstica e se encontram em isolamento social juntamente com seu agressor. Com a pandemia os números de casos de registro de violência doméstica tenham diminuído no período entre março e abril de 2020, quando comparada ao mesmo período no ano de 2019, sendo observada uma queda de 25,5% nesses casos, que pode ser decorrente do aumento da dificuldade de realização da denúncia em deslocamentos das delegacias. Com o isolamento, o convívio com o parceiro aumenta, intensificando também os intervalos de violência contra a mulher e, conseqüentemente, prejudicando a busca por ajuda. **CONCLUSÃO:** O isolamento social promoveu e irá promover impactos negativos ao que se refere à violência doméstica sofrida pelas mulheres. A intensificação de novos métodos de ampliação para realização de denúncias, o enfoque na capacitação de trabalhadores voltadas para saúde na identificação de grupo de risco e na ampliação de redes de apoio à mulher em acolhimento de abrigos são estratégias que podem dar suporte para que a mulher realize a denúncia e novos casos não venham a surgir.

Palavras-chaves: Violência doméstica, Pandemia, Mulher.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FORNARI, Lucimara Fabiana et al. Domestic violence against women amidst the pandemic: coping strategies disseminated by digital media. Revista Brasileira de Enfermagem [online]. Rev Bras Enferm; 74 Suppl 1(Suppl 1): e20200631, 2021.
- JÚNIOR, Luiz Franceschini; De Checchi, Maria Helena Ribeiro et al. Manual instrutivo: enfrentamento da violência doméstica em tempos de Covid-19. Piracicaba; FOP/UNICAMP; 2020. ilus. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1120186>. Acessado dia 05 de Agosto de 2021.
- MARCOLINO, Emanuella de Castro et al. O distanciamento social em tempos de Covid-19: uma análise de seus rebatimentos em torno da violência doméstica. Interface (Botucatu, Online) ; 25(supl.1): e200363, 2021.
- MARQUES, Emanuele Souza et al. A violência contra mulheres, crianças e adolescentes em tempos de pandemia pela COVID-19: panorama, motivações e formas de enfrentamento. Cadernos de Saúde Pública [online]. v. 36, n. 4, e00074420.
- Santa Catarina (Estado). Secretaria da Saúde et al. Medidas de enfrentamento à violência doméstica no contexto da pandemia de COVID-19. s.l; s.n; 19 maio 2020. Disponível em: < <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1103041> > . Acessado dia 05 de agosto de 2021.

VIOLÊNCIA CONTRA OS TRABALHADORES DA ENFERMAGEM BRASILEIRA NA PANDEMIA DE COVID-19

Mônica Chaves¹

1. *Mestre em Enfermagem. Enfermeira Forense. Docente do Departamento de Enfermagem da PUC Minas.
(monikachaves@uol.com.br).*

INTRODUÇÃO: Segundo a Organização Internacional do Trabalho (OIT) a violência no trabalho pode ser definida como qualquer ação, incidente ou comportamento baseado em uma conduta voluntária do agressor, em consequência da qual um profissional é agredido, ameaçado, ou sofre algum dano ou lesão durante a realização, ou como resultado direto, do seu trabalho (BAPTISTA, 2017). A violência contra os trabalhadores de Enfermagem sempre existiu, mas desde o início da Pandemia de Covid-19 no Brasil, a Enfermagem tem sido o grupo de trabalhadores mais vulnerável à violência no trabalho em seus diversos aspectos (BERNARDES *et al.*, 2020; ROBAZZI *et al.*, 2020). **OBJETIVO:** Sintetizar as evidências científicas acerca da violência contra os trabalhadores da Enfermagem brasileira na pandemia de Covid-19. **MÉTODO:** Trata-se de uma revisão narrativa acerca da violência contra os trabalhadores de Enfermagem no Brasil durante a pandemia de Covid-19. Para tal foi realizada uma busca nos bancos de dados LILACS e BIREME no período de março de 2020 a março de 2021 utilizando os seguintes descritores: Enfermagem, Pandemia, Violência. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** Foram encontrados 05 (cinco) artigos que abordam o tema proposto. Verificou-se que o principal tipo de violência aos quais os trabalhadores de Enfermagem estão submetidos a pandemia são relacionados a violência institucional. Esta violência pode ser evidenciada através da privação de direitos previdenciários e trabalhistas, bem como através das condições precárias de trabalho. Detectou-se também que tanto em instituições particulares quanto públicas, a violência institucional contra os trabalhadores de Enfermagem se demonstrou através da precarização do trabalho, da sobrecarga de trabalho e da falta de equipamentos de segurança individuais e coletivos. **CONCLUSÃO:** Este trabalho possibilitou reflexões sobre a violência contra os trabalhadores de Enfermagem na pandemia de Covid-19 no Brasil. Para tal, faz-se necessário que as entidades representativas da Enfermagem e os diversos órgãos responsáveis pela fiscalização das condições de trabalho e vigilância sanitária estejam atentos as diversas formas de violência a qual a Enfermagem vem vivenciado durante a pandemia no Brasil. Importante ressaltar a necessidade de intervenções no sentido da elaboração de estratégias coibição da violência contra os trabalhadores de Enfermagem, bem como da criação de políticas públicas que visem proporcionar uma maior proteção e segurança para o desenvolvimento do trabalho digno da Enfermagem brasileira.

Palavras-chaves: Enfermagem, Pandemia, Violência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAPTISTA, P.C.P. **Violência no trabalho: guia de prevenção para os profissionais de enfermagem** / Patrícia Campos Pavan Baptista [et al.]. – São Paulo: Coren-SP, 2017.
- BERNARDES, M. L. G.; *et al.* **Violência laboral entre trabalhadores de Enfermagem**. Rev. Bras. Med. Trab. 2020;18(3):250-257
- ROBAZZI, M.L.; *et al.* **Violência ocupacional antes e em tempos da pandemia**. Braz. J. Hea. Rev. Curitiba, v. 3, n. 6, p.19042-19064. nov./dez. 2020. ISSN 2595-6825.

ATUAÇÃO DA ENFERMAGEM NA DETECÇÃO DE SINAIS SUGESTIVOS DE VIOLÊNCIA CONTRA À MULHER: UMA REVISÃO DA LITERATURA

Lara Dalamaria Serrano¹, Rebeca de Sousa Costa da Silva¹, Laryssa Portela de Araújo¹,
Gleicy Karine Nascimento de Araújo-Monteiro²

1. Acadêmica de enfermagem do Centro Universitário – UNIFACISA.
2. Docente do curso de enfermagem no Centro Universitário – UNIFACISA.

INTRODUÇÃO: A violência contra a mulher tem crescido no mundo inteiro, e essa problemática pode afetar negativamente a saúde física, mental, sexual e reprodutiva das mulheres. A enfermagem tem papel importante no rastreio e encaminhamento dos casos de violência, visto que, estão em contato maior com a população. A atuação deve ser realizada de forma integral, levando em consideração tanto os aspectos físicos quanto emocionais. Assim, o enfermeiro deve estar apto para a detecção mais rápida desses casos, juntamente a uma equipe multiprofissional e pericial quando necessário. **OBJETIVOS:** Objetiva-se saber como os enfermeiros podem potencializar sua assistência na identificação de casos de violência, detectando os principais sinais e sintomas sugestivos de violência contra a mulher elencados na literatura. **METODOLOGIA:** Trata-se de uma revisão integrativa da literatura científica. A busca foi realizada no mês de agosto de 2021, na base de dados da LILACS, utilizando os descritores “violência”, “mulher” e “enfermagem”, seguidos do operador booleano *AND* entre eles para obtenção do cruzamento planejado. Compuseram a amostra os estudos disponíveis na íntegra, 338 e foram excluídas revisões de literatura e aqueles estudos que não atendiam ao objetivo proposto no estudo. Após aplicação dos filtros “texto completo”, “português” e “violência contra mulher”, obteve-se 134 artigos, após a leitura dos títulos e resumos 27 manuscritos, em que 8 artigos compuseram a amostra final. Destaca-se ainda que por tratar-se de dados secundários não houve necessidade de apreciação pelo Comitê de Ética e Pesquisa para sua execução. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** O enfermeiro frente à violência contra mulher, deve ter o conhecimento de reconhecer os sinais e sintomas que tenham relação direta ou indireta à violência. O estudo mostrou que os sinais sugestivos normalmente são as marcas visíveis de violência física como hematomas, tensões musculares e traumas vaginais em situações de violência física e sexual. Sinais como ideação suicida, gravidez indesejada e sintomas depressivos também foram elencados no estudo que podem ser sugestivos das mais variadas formas de violência. Esses sinais de violências podem levar a agravos e sequelas de ordem física, psicológica, financeira, moral e social. Compete ao enfermeiro trabalhar e estimular o diálogo com a mulher com questionamentos diretos ou indiretos, no intuito de compreender suas relações afetivas estimulando uma relação de confiança, realizando uma escuta qualificada, observar além do que é verbalizado. Cabe-lhe ainda oferecer orientações sobre as opções e condutas para o enfrentamento do fenômeno, como também fazer o encaminhamento adequado para os profissionais responsáveis pela justiça e proteção. **CONCLUSÃO:** Conclui-se que existem diversos aspectos que sinalizam agressões que podem ser percebidas pelos enfermeiros no rastreio de situações de violência contra mulher. Observa-se ainda a necessidade de educação permanente para melhorar a identificação dos casos por parte dos profissionais enfermeiros, para que seja possível a realização de atividades de promoção e prevenção, bem como realizar as devidas intervenções e encaminhamento nas redes de proteção à mulher.

Palavras-Chave: Violência; Mulher; Enfermagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Acosta DF, Gomes VLO, Oliveira DC, Marques SC, Gomes GC. Cuidado à mulher em situação de violência doméstica: representações de enfermeiras(os) hospitalares. *Rev. Eletr. Enf.* [Internet].
- KISS, Lúcia Bittencourt; SCHRAIBER, Lília Blima. Temas Médico-sociais e intervenções em saúde: a violência contra mulheres no discurso dos profissionais. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 16, p.1943-1952, 2011.
- MORAIS, Bruna Laís Alcará de; GERK, Maria Auxiliadora de Souza; NUNES, Cristina Brandt. Enfermeira da estratégia de saúde da família: Abordagem frente à mulher em situação de violência. *Revista Nursing*, Ms, v. 240, n. 21, p.2164-2167, 2018.
- NASCIMENTO, Edna de Fátima Gonçalves Alves do; RIBEIRO, Adalgisa Peixoto; SOUZA, Edinilsa Ramos de. Percepção e práticas de profissionais de saúde de Angola sobre a violência contra a mulher na relação conjugal. *Cadernos de Saúde Pública*, [s.l.], v. 30, n. 6, p.1229-1238, jun. 2014.
- PAIXÃO, Gilvânia Patrícia do Nascimento et al. Situations which precipitate conflicts in the conjugal relationship: the women's discourse. *Texto & Contexto - Enfermagem*, [s.l.], v. 23, n. 4, p.1041-1049, dez. 2014.
- SANTI, Liliane Nascimento de; NAKANO, Ana Márcia Spanó; LETTIERE, Angelina. A percepção de mulheres em situação de violência sobre o suporte e apoio recebido em seu contexto social. *Texto Contexto Enferm*, Florianópolis, v. 3, n. 19, p.417-424, 2010.
- SANTOS, Silvana Cavalcanti dos et al. Violência contra a mulher: como os profissionais na atenção primária estão enfrentando esta realidade. *Revista Saúde e Pesquisa*, Maringá (Pr), v. 2, n. 11, p.359-368, mai/ago. 2018.
- ZUCHI, Camila Zanatta et al. Violência contra as mulheres: Concepções de profissionais da estratégia saúde da família acerca da escuta. *Reme Revista Mineira de Enfermagem*, [s.l.], v. 22, p.1-1085, 2018.

RELEVÂNCIA DA ASSISTÊNCIA MULTIPROFISSIONAL AO PACIENTE COM COVID-19

Anailda Fontenele Vasconcelos¹, Ana Luísa Vasconcelos dos Santos¹, Francisca Geisa Silva Martiniano¹,
Isabela Cristina Araújo Gonçalves², Anna Victória Leitgeb Santos de Castro³

1. *Graduada em Enfermagem pelo Centro Universitário INTA-UNINTA.*
2. *Graduada em Fisioterapia pelo Centro Universitário INTA-UNINTA.*
3. *Graduada do Curso de Enfermagem do Centro Universitário INTA-UNINTA.*

INTRODUÇÃO: A Organização Mundial da Saúde (OMS) anunciou no dia 11 de março que a infecção causada pelo *coronavirus disease 2019* (COVID-19) se tornou uma pandemia mundial, levando a uma alta taxa de morbimortalidade. É originada pela nova síndrome respiratória aguda coronavírus 2 (SARS-CoV-2), em que o paciente pode ser assintomático, apresentar sintomas leves como infecções no trato respiratório superior ou sintomas graves, tais como a sepse. Dentre os sintomas mais comuns, estão: dispneia, febre, fadiga, tosse, secreções, cefaleias e hemoptise. A COVID-19 é considerada uma patologia sistêmica que atinge especialmente o endotélio vascular. Caso não seja bem acompanhada, com protocolos individualizados que considerem as propriedades vasocêntricas, pode acarretar uma falência de múltiplos órgãos. Visto isso, é essencial a implementação integral da abordagem de uma equipe multiprofissional na assistência à saúde. O trabalho desta formação proporciona ao paciente e familiares uma visão mais ampla do problema e oferecer conhecimento e motivação para superar desafios. **OBJETIVO:** Identificar na literatura a relevância da assistência multiprofissional ao paciente com Covid-19. **METODOLOGIA:** Trata-se de uma pesquisa descritiva do tipo revisão bibliográfica, com abordagem qualitativa. Para a fundamentação das informações foram feitas pesquisas em artigos científicos retirados por via internet, através da Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), nas bases de dados SCIELO (*Scientific Electronic Library Online*) e BDENF-Enfermagem, em agosto de 2021. Os descritores usados para a busca da temática, foram "Equipe de Assistência ao Paciente", "Coronavírus" e "Pandemias" com o conectivo *booleano and*, o que totalizou 277 artigos. Como critério de inclusão, usou-se texto completo disponível, em português, inglês e espanhol, dos últimos 5 anos, o que deu 14 artigos e após os critérios de exclusão, que foram artigos repetidos e fora do objetivo do estudo, restou 13 para análise. **RESULTADOS E DISCUSSÕES:** Com base não só no que foi analisado nos artigos filtrados, mas como em todas as informações recebidas desde o início da pandemia até os dias de hoje, a Covid-19 tem alta transmissibilidade e pode causar complicações que variam de casos leves a muitos graves, e sua letalidade vai variar conforme a vários fatores, como faixa etária, condições clínicas associadas e etc. Então frente a esta problemática e na análise realizada, pode-se perceber que a atuação da equipe multiprofissional é de extrema importância, pois a mesma vincula informações completas, baseadas em recomendações por autoridades sanitárias, bem como implementam estas orientações na sua atuação profissional e fornece todo suporte nas orientações acerca das medidas de prevenção e controle do vírus. **CONCLUSÃO:** O trabalho em conjunto proporciona uma probabilidade maior do paciente obter melhoras rápidas e significativas, e diante da situação de calamidade em que o mundo está passando, isso tornou-se primordial e indispensável, pois todos trabalharão por um objetivo comum: preservação da visão holística para o bem estar integral do sujeito.

Palavras-Chave: Equipe de Assistência ao Paciente; Coronavírus; Pandemias

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CASALE, Manuele *et al.* Could nasal irrigation and oral rinse reduce the risk for COVID-19 infection?. **International Journal of Immunopathology and Pharmacology**, v. 34, p. 2058738420941757, 2020.
- CUNHA, Thaynara Gabriella Silva *et al.* Atuação da equipe multiprofissional em saúde, no cenário da pandemia por Covid 19. **Health Residencies Journal-HRJ**, v. 1, n. 2, p. 1-22, 2020.
- RIGHETTI, Renato Fraga *et al.* Physiotherapy care of patients with coronavirus disease 2019 (Covid-19)-a Brazilian experience. **Clinics**, v. 75, e2017, 2020.

ASSOCIAÇÃO ENTRE VIOLÊNCIA E O SEXO DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS

Igor de Sousa Nóbrega¹, Fihama Pires Nascimento¹, Lindemberg ArrudaBarbosa¹, Gleicy Karine Nascimento De Araújo Monteiro¹, Emanuella de Castro Marcolino¹, Kalyne Araújo Bezerra²

1. UNIFACISA – Centro Universitário.
2. Universidade Federal do Rio Grande do Norte (igordsn25@gmail.com)

INTRODUÇÃO

A violência encontra-se extremamente arraigada na sociedade ao ponto que o viver sempre esteve relacionado a ela, em suas mais variadas faces; na iminência de que se transfigurou mediante a diversos contornos, conceitos e características em um elemento estrutural da nossa humanidade (ODALIA, 2017).

Nas últimas décadas, tem-se verificado uma preocupação dos pesquisadores da área da saúde no que concerne à violência e suas mais variadas tipologias e peculiaridades. Isso se dá em função da sua alta incidência e das consequências na saúde individual e coletiva (COELHO *et al.*, 2014) Observa-se, assim, que a violência pode ocasionar perda de identidade, a baixa qualidade de vida, insônia, fadiga, doenças psicossomáticas, traumas físicos, danos psíquicos, desnutrição, agitação, tentativas de suicídio, demandas adicionais aos serviços de saúde e, até mesmo, mortes (MINAYO, 2018; SOUZA *et al.*, 2018).

Acrescenta-se ainda que os efeitos resultantes dessas agressões não se limitam apenas às questões de saúde, mas também pode incidir negativamente no progresso social e econômico de um país, dado que os custos com hospitalização e tratamento de pacientes com transtornos mentais, decorrentes da violência, são corculentos; no Brasil, estima-se que cerca de 32% do dinheiro destinado ao Sistema Único de Saúde (SUS) seja utilizado na resolução dessas ocorrências (OMS, 2016; WAIKAMP, SERRALTA, 2018).

No que diz respeito à violência entre casais, Brasil (2016) e Krug *et al.* (2002), definem violência por parceiro íntimo (VPI) como todo e qualquer comportamento de violência cometido em âmbito doméstico ou não, em qualquer relação íntima de afeto, independentemente de coabitação, envolvendo as violências física, psicológica, sexual, moral, patrimonial e o comportamento controlador (BRASIL, 2006; KRUG *et al.*, 2002).

Nesse íterim, Souza, Pascoalato e Mendonça (2018) destacam o público feminino como o mais acometido por violência quando comparado ao masculino, sendo, este último, apontado como perpetrador das agressões. Entretanto, vale salientar que a violência quando exercida pelas mulheres sobre os homens é velada em virtude do

Palavras-chave: Violência; Estudante Universitário; Sexo

patriarcado existente na conjuntura das sociedades, que acabavestindo essa agressão numa roupagem leve, sendo posto, em sua maioria, uma banalidade nas intervenções que acolhem o público masculino nessas situações (OLIVEIRA *et al.*, 2016).

Essa situação ganha ainda mais ênfase quando voltada a estudantes universitários, uma vez que a entrada na nesse âmbito tende a corresponder, também, com a entrada na fase adulta, momento este carregado de mais autonomia e convívio com as pluralidades. Nesse contexto, vê-se uma alta prevalência de VPI, variando de 37% a 76% (ALDRIGHI, 2004; FLAKE *et al.*, 2013).

Em virtude disso, verificasse a necessidade de mais investigações sobre a temática objetivando a compreensão dos diversos fatores que permeiam esse cenário, bem como a elaboração de estratégias que auxiliem no rastreio, diagnóstico e resolução precoce dessas ocorrências.

OBJETIVO

Detectar a associação entre violência e o sexo de estudantes universitários em relacionamento afetivo.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo transversal, descritivo e analítico, realizado com estudantes universitários de uma universidade pública do município de Campina Grande, na Paraíba. Como critério de inclusão, adotou-se: discentes do curso de enfermagem, medicina ou psicologia, maior que 18 anos, que estivesse em relacionamento afetivo há pelo menos dois meses. Em contrapartida, foram excluídos aqueles que apresentavam união estável com divisão de domicílio.

A coleta de dados se deu via *Google Forms*, após aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa CEP/CESED, sob parecer de nº 3.982.340. Assim, aplicou-se um instrumento de caracterização e a Escala de Táticas de Conflito (CTS). Feito isso, os dados foram exportados e analisados no *StatisticalPackage for the Social Science* (SPSS), mediante Teste de Exato de Fisher, com adoção do p-valor <0,05 para significância estatística.

RESULTADOS

A amostra totalizou em 55 participantes, divididos entre graduandos em enfermagem, medicina e psicologia. Desse total, 89,5% (n=50) pertenciam ao sexo feminino e 10,5% (n=5), por sua vez, ao sexo masculino. Em outra perspectiva, viu-se que 85,5% (n=47) dos estudantes referiram já ter sofrido algum tipo de violência.

No que diz respeito a associação entre as variáveis, observou-se que não houve associação significativa entre a violência e o sexo (p -valor=0,441), a violência predominou entre os indivíduos do sexo masculino (100,0%; n=5); contudo o número absoluto de indivíduos do sexo feminino que referiram ter sofrido violência superou o sexo masculino.

DISCUSSÃO

A violência de gênero se manifesta em um relacionamento afetivo que envolva cônjuges, companheiros atuais ou companheiros anteriores; podendo ocorrer sob a forma de violência física e/ou sexual, de ameaças e de abuso emocional (VASCONCELOS; HOLANDA; ALBUQUERQUE, 2017).

A maioria dos estudos que engloba a temática da violência, aponta a mulher como principal vítima desse fenômeno. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS) (2013), uma a cada três mulheres já sofreu violência física ou sexual por parceiro íntimo, familiares ou pessoas com quem tenha relação íntima de afeto.

No entanto, os achados da presente pesquisa diferem da maioria, uma vez que se observou prevalência de violência nos indivíduos do sexo masculino. Esses dados, por sua vez, corroboram com os resultados obtidos em estudo com delineamento metodológico semelhante à presente pesquisa, em que se evidenciou um quantitativo maior de relatos de violência física sofrida por universitários do sexo masculino quando comparado aos indivíduos do sexo feminino (VALÉRIO, 2018).

Situação similar foi observada em estudo realizado com universitários norte-americanos, onde apesar dos homens

relatarem sofrer mais violência que as mulheres, eram eles também os maiores perpetradores, sendo possível correlacionar que a violência relatada representasse, na verdade, um reflexo da violência dirigida à parceira (CERONE; BEACH; ARIAS, 2005).

Outrossim, não se pode afirmar que a violência entre cônjuges é bidirecional, pois não há evidências científicas constatando que o uso da violência masculina é influenciada pela prática da violência feminina (CANTOR; JOPPA; ANGELONE, 2020).

As divergências acerca da violência em relação ao gênero são vigentes no acervo científico, há pesquisas na qual sua perpetuação é simétrica e outras, desigual. Contudo, estudos se assemelham à ideia de mesmo que os homens sofram mais violência física e psicológica que as mulheres, as consequências desses atos perpassam com mais intensidade no sexo feminino, tal fato pode se justificar pela força física masculina que excede a feminina, isto, quando comparado ao biotipo natural sem influência de fatores externos (ANTUNES, 2016).

Ademais, estudo realizado em uma universidade no Nordeste dos Estados Unidos aponta a diferença de gênero no sexismo hostil, o público masculino apresentou nível mais alto quando comparado ao público feminino. Revelou-se, portanto, que estudantes universitários apresentam ideias relacionadas à inferioridade feminina, sendo o machismo o maior causador da perpetração de violência e assédio, além de propagar a culpabilização da vítima e aceitação de agressões masculinas durante o relacionamento (CANTOR; JOPPA; ANGELONE, 2020).

CONCLUSÃO

Diante do exposto, foi possível evidenciar que houve prevalência na vivência de situações de violência entre os universitários, entretanto a mesma não foi associada ao sexo apesar de predominar no sexo masculino.

Assim, ressalta-se a importância de mais estudos que abordem a temática, com uma amostra maior a fim de investigar a problemática e identificar possíveis associações para que sejam elaboradas ações preventivas de violência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALDRIGHI, Tânia. Prevalência e cronicidade da violência física no namoro entre jovens universitários do Estado de São Paulo-Brasil. **Psicologia: teoria e prática**, v. 6, n. 1, p. 105–120.2004.

ANTUNES, Orlando *et al.* **Violência nos relacionamentos íntimos em estudantes universitários**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde) - Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2016. Disponível em:

<https://recil.grupolusofona.pt/bitstream/10437/7152/1/Viol%C3%A2ncia%20nos%20relacionamentos%20%C3%ADntimos.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2021.

CANTOR, Nicole.; JOPPA, Meredith.; ANGELONE, DJ. An Examination of Dating Violence Among College Student-Athletes. **Journal of Interpersonal Violence**. 2020.

CERCONE, Jennifer J.; BEACH, Steven R. H.; ARIAS, Ileana. Gender Symmetry in Dating Intimate Partner Violence: does similar behavior imply similar constructs?. **Violence And Victims**, Washington, v. 20, n. 2, p. 207-218, 2005.

COELHO, Elza Berger Salema; SILVA, Anne Caroline Luz Grudtner da; LINDNER, Sheila Rúbia. **VIOLÊNCIA: DEFINIÇÕES E TIPOLOGIAS**, ISBN – 978-85-61682-39-2, Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 2014. Disponível em: https://ares.unasus.gov.br/acervo/html/ARES/1862/1/Definicoes_Tipologias.pdf. Acesso em: 17ago. 2021.

FLAKE, T. *et al.* Violência por parceiro íntimo entre estudantes de duas universidades do Estado de São Paulo, Brasil. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 16, n. 4, p. 801– 816. 2013.

MINAYO, Maria Cecília de Souza *et al.* Institucionalização do tema da violência no SUS: avanços e desafios. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 23, n. 6, p. 2007-2016, 2018.

ODALIA, Nilo. **O que é violência**. Brasiliense, 2017. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=MmkvDwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT3&dq=+viol%C3%A2ncia+&ots=IINfx8sZW&sig=KGnQzAUEqcvEKeP7DCRDtOrj_us#v=onepage&q=viol%C3%A2ncia&f=false. Acesso em: 17 ago. 2021.

OLIVEIRA, Queiti Batista Moreira *et al.* Violência Física Perpetrada por Ciúmes no Namoro de Adolescentes: Um recorte de Gênero em Dez Capitais Brasileiras. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 32, n. 03, [n.p], 2017.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). (2016). **Maus tratos infantis**. Disponível em: <http://www.who.int/mediacentre/factsheets/fs150/en/>. Acesso em: 17 ago. 2021.

SOUZA, Camila Santos de *et al.* Análise das taxas de internação e de mortalidade por agressão em pacientes com mais de 60 anos. **Revista da Sociedade Brasileira de Clínica Médica**, v. 16, n. 2, p.89-93.

SOUZA, Tatiana Machiavelli Carmo; PASCOALETO, Tainara Evangelista; MENDONÇA, Nayra Daniane. Violência contra mulher no namoro: percepções de jovens universitários. **Revista Psicologia e Saúde**, v. 10, n. 3, p. 31-43, 2018.

VALÉRIO, Inaê Dutra. **Violência por parceiros íntimos entre universitários**. Dissertação (Mestrado em Epidemiologia) - UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS, Faculdade de Medicina, Pelotas, 2018. Disponível em: <http://www.epidemiologia.ufpel.org.br/uploads/teses/Volume%20Inaee.pdf>. Acesso em: 13 ago. 2021.

VASCONCELOS, Marilena Silva; HOLANDA, Viviane Rolim; ALBUQUERQUE, Thaíse Torres. Perfil do agressor e fatores associados à violência contra mulheres. **Revista Cogitare Enfermagem**, Curitiba, v. 21, n. 1, p. 01-10, 2016.

WAIKAMP, Vitória; SERRALTA, Fernanda Barcellos. Repercussões do trauma na infância na psicopatologia da vida adulta. **Ciências Psicológicas**, Montevideo, v. 12, n. 1, p. 137-144, 2018.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Responding to intimate partner violence and sexual violence against women**. Genebra; WHO, 2013. Disponível em: https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/85240/9789241548595_eng.pdf;jsessionid=0A2877C2FCC2BB806ED3B85410E6FFF5?sequence=1. Acesso em: 05 ago. 2021.

FREQUÊNCIA DE VIOLÊNCIA POR ARMAS DE FOGO EM JOVENS NO ESTADO DA PARAÍBA

Rebeca de Sousa Costa da Silva¹, Larissa de Lima Domingos¹, Larissa Laíse Marinho Carvalho¹,
Tamiris Alves Chagas¹, Laryssa Portela de Araújo¹, Gleicy Karine Nascimento de Araújo- Monteiro²

1. Discente do curso de enfermagem do Centro Universitário UNIFACISA. (rebecadesousa0002@gmail.com)
2. Docente do curso de enfermagem do Centro Universitário UNIFACISA.

Palavras-chave: Violência; Armas de Fogo; Jovens

INTRODUÇÃO

A violência é um dos temas mais importantes da atualidade, por tratar-se de uma problemática grave de saúde pública. Jovens, principalmente entre 15 e 24 anos, são o grupo etário mais suscetíveis a todas as formas de violência (DESLANDES *et al.*, 2015).

Atualmente no Brasil, a probabilidade de um adolescente ou jovem ser assassinado por arma de fogo é 6 vezes maior do que por outros meios. Os jovens são a população mais vulnerável, em virtude de fatores relacionados à imaturidade, ao espírito de aventura, à curiosidade, ao uso abusivo de álcool e drogas e a abrangência em atividades ilegais, com facilidade em acesso a armas (FREITAS *et al.*, 2017).

Além disso, o impacto da violência por causas externas influencia na qualidade de vida dos indivíduos. A violência tem impacto acentuado em lesões corporais com prejuízo funcional, que levam a vários tipos de incapacidades (FREITAS *et al.*, 2017). Adolescentes e jovens com ferimentos por arma de fogo, quando não vem a óbito, evoluem, na maioria das vezes, com deficiências e limitações funcionais importantes para a qualidade de vida (PINTO *et al.*, 2020; SILVA, 2012).

A atenção primária de saúde desenvolve um papel de extrema importância para a atenuação e prevenção dos casos de violência, pois há uma articulação entre os serviços de saúde e os serviços de segurança pública, para um rastreamento e encaminhamento eficaz dos casos, a fim de minimizar os danos causados a esses indivíduos e buscar melhorar a qualidade de vida dessa população (CAMILO, 2017).

OBJETIVOS

Avaliar a frequência de casos notificados de violência por armas de fogo em jovens no estado da Paraíba.

MÉTODOS

Trata-se de um estudo quantitativo, do tipo ecológico desenvolvido na base de dados online do Departamento de Informática do SUS (DATASUS). O estudo ecológico se configura por ser um tipo de estudo que avalia os dados do agrupamento de pessoas, não investigando o fenômeno de forma isolada em cada indivíduo (LIMA-COSTA; BARRETO, 2003).

O TABNET foi utilizado para extrair as informações, no qual, a ferramenta é um tabulador que é utilizado localmente com intuito de possibilitar que os profissionais da saúde possam ter acesso rápido a estatísticas a partir de uma alimentação de informações locais que são relacionadas à saúde.

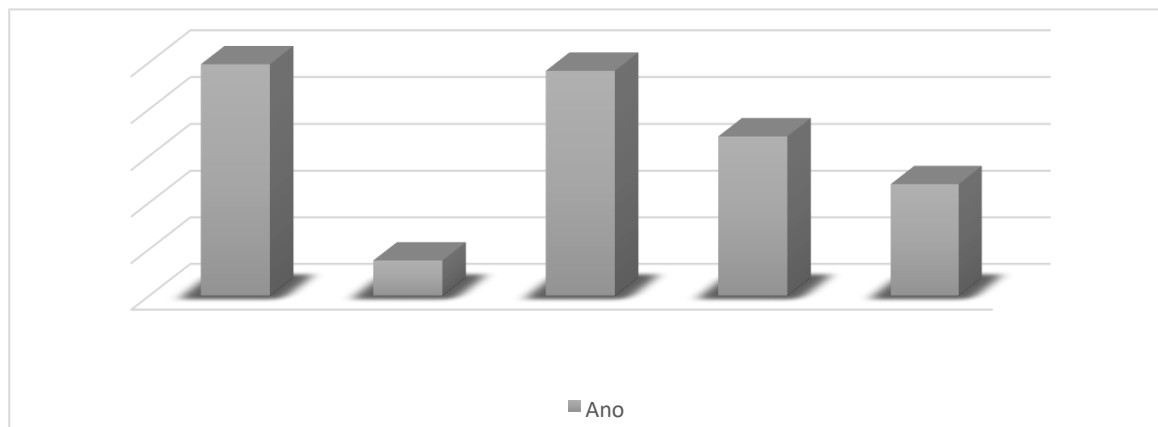
Visando o objetivo, o presente estudo foi conduzido seleção de dados na referida base, no sistema de Estatísticas Vitais (desde 2015 até 2019) de acordo com o CID-10, foi selecionado ainda a faixa etária (de 10 a 19 anos) e o estado da Paraíba. A busca por essas informações foi realizada no período de junho a agosto de 2021.

Os dados foram exportados como .CSV para planilha do *Microsoft Office Excel*® e foram apresentados em forma de tabelas. Além disso, os dados foram fundamentados em uma revisão da literatura realizada na Biblioteca Virtual de Saúde (BVS) e por se tratar de pesquisa documental de fonte secundária que não envolve seres humanos, para execução do presente estudo não foi necessária a apreciação por comitê de ética.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Gráfico 1 a seguir, exibe a quantidade de casos notificados com uso de arma de fogo de acordo com o ano. Em 2015 foram notificados 248 casos, em 2016 foram 38, em 2017 com 241 casos, em 2018 com 171 e 2019 com 120 casos de violência por armas de fogo em jovens no estado da Paraíba.

Gráfico 1 Distribuição da frequência dos casos de acordo com o ano, desde 2015 até 2019

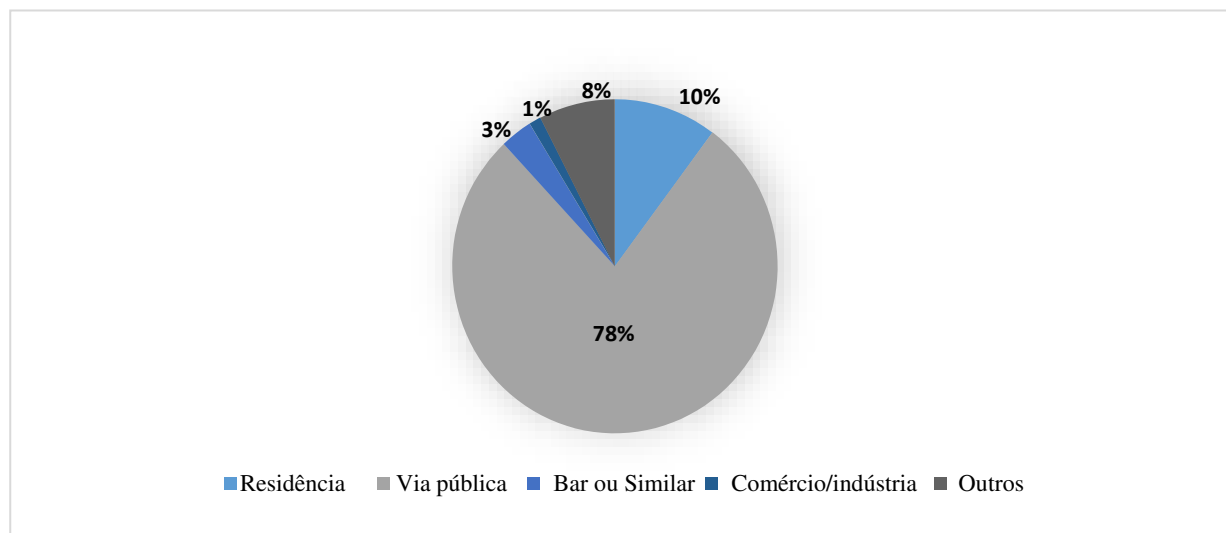


Fonte: Dados de pesquisa, 2021.

O presente estudo evidenciou que houve um decréscimo do número de casos notificados por armamento de fogo na Paraíba e em jovens. Em um estudo, mostrou que as inovações legislativas penais, como, as políticas de controle de armas, possuem grande impacto e efetividade na diminuição de casos por armas de fogo nos últimos anos (FERREIRA; SOARES, 2021).

No gráfico 2 pode-se observar a distribuição dos casos em percentual de acordo com os respectivos locais. A residência com 10% dos casos, a via pública com 78% dos casos, bar ou similar com 3%, comércio/ indústrias com 1% e outros com 8% dos casos notificados no estado da Paraíba.

Gráfico 2 Distribuição da frequência de casos de acordo com o local



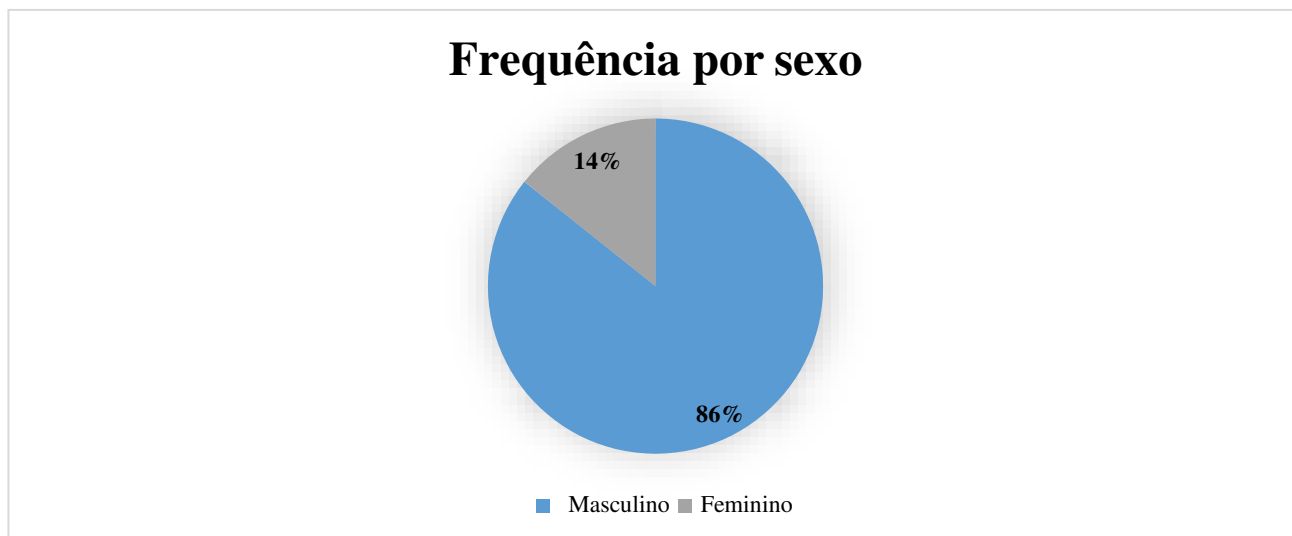
Fonte: Dados de pesquisa, 2021.

Evidenciou-se que a Via Pública está em primeiro lugar como o local de maior ocorrência dos casos de violência por armas de fogo, seguido de residência, onde ocorrem a maioria dos casos. Corroborando, um estudo evidenciou que em 74,1% dos casos de armas de fogo em jovens ocorreu em via pública, sendo o ambiente de maior propensão ao acometimento de óbitos e agressões

decorrentes de armas de fogo (TRÍNDADE *et al.*, 2015).

No Gráfico 3 a seguir, evidencia-se a distribuição da frequência dos casos em percentual de acordo com o sexo dos jovens. As mulheres com 14% dos casos notificados e o masculino com 86% dos casos notificados no estado da Paraíba.

Gráfico 3. Distribuição dos casos de acordo com o sexo



Fonte: Dados de pesquisa, 2021.

O presente estudo evidenciou que há uma maior prevalência no sexo masculino de violência por armas de fogo na Paraíba. Em concordância, um estudo realizado em Maceió- AL, mostrou que houve uma prevalência do sexo masculino em 94,0% dos casos, tendo em vista que os homens são mais envolvidos com armas e pela facilidade de acesso que tem com armas de fogo (FREITAS *et al.*, 2017; PINTO *et al.*, 2020).

CONCLUSÃO

A frequência de casos de violência por armas de fogo em sua maioria nos anos de 2015 e 2017 em comparação com 2016, 2018 e 2019. Com relação a frequência por local, a

Via Pública é a mais prevalente com 78% dos casos notificados, e também mais frequente no sexo masculino com 86% dos casos de violência por armas de fogo.

Desse modo, é evidente a necessidade de mais educação em saúde das equipes multiprofissionais em saúde, para que seja possível um melhor planejamento e implementação de estratégias para identificar mais ágil dos casos, podendo haver a atuação pericial. Além disso, devem ser estimuladas ações em saúde no intuito de disseminar conhecimento sobre a violência em questão e suas consequências para a saúde, para a prevenção e melhoria da qualidade de vida da população acometida por agravos da violência por arma de fogo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMILO L. S. Preservação da cena de crime pelo enfermeiro no serviço de atendimento móvel de urgência: uma revisão integrativa. **Caderno De Graduação - Ciências Biológicas E Da Saúde**, v. 2, n. 4, p. e184, 2017.

DESLANDES, Suely *et al.* Proposição de um índice do enfrentamento governamental à violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 31, n. 8, pp. 1709-1720, 2015.

FERREIRA, Helder; SOARES, Milena Karla. Violência e Segurança pública: uma síntese da produção da diáspora nos últimos dez anos. **Boletim de Análise Político-Institucional**, [S.L.], n. 29, p. 129-144, 10 jun. 2021.

FREITAS, Nilce Almino *et al.* Perfil clínico-epidemiológico de adolescentes e jovens vítimas de ferimento por arma de fogo. **Cadernos Saúde Coletiva**, v. 25, n. 4, p. 429-435, 2017.

LIMA-COSTA, Maria Fernanda; BARRETO, Sandhi Maria. Tipos de estudos epidemiológicos: conceitos básicos e aplicações na área do envelhecimento. **Epidemiol. Serv. Saúde**, Brasília, v. 12, n.4, p. 189-201, dez. 2003.

LUCENA, Kerle Dayana Tavares; VIANNA, Rodrigo Pinheiro de Toledo; NASCIMENTO, João Agnaldo do; CAMPOS, Hemílio Fernandes Coelho; OLIVEIRA, Elaine Cristina Tôres. Association between domestic violence and women's quality of life. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, [S.L.], v. 25, p. e2901, 5 jun. 2017.

PINTO, Isabella Vitral *et al.* Adolescências feridas: retrato das violências com arma de fogo notificadas no Brasil. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 23, n. 1, p. e200002.SUPL.1, 2020.

SILVA, Ana Cláudia Carvalho Mello *et al.* Qualidade de vida e trauma psíquico em vítimas da violência por arma de fogo. **Texto & Contexto – Enfermagem**, v. 21, n. 3, p. 558-565, 2012.

TRINDADE, Ruth França Cizino *et al.* Map of homicides by firearms: profile of the victims and the assaults. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 49, n. 05, p. 0748-0755, 2015.

ATENDIMENTO HOSPITALAR DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA SEXUAL: PERCEPÇÃO DA ENFERMAGEM

Larissa de Lima Domingos¹, Larissa Laíse Marinho Carvalho¹, Tamíris Alves Chagas¹,
Rebeca de Sousa Costa da Silva¹, Thiemmy de Souza Almeida Guedes²

1. Discente do curso de enfermagem do Centro Universitário UNIFACISA. (larissa.domingos@maisunifacisa.com.br)
2. Pós-Graduada em Saúde Coletiva pela Faculdade Venda Nova do Imigrante (FAVENI)

Palavras-chave: Atendimento Hospitalar; Violência Sexual; Crianças e Adolescente.

INTRODUÇÃO

A Organização Mundial da Saúde (OMS) define abuso sexual como atividades, consumadas ou não, que vão desde o estupro até contatos sexuais menos invasivos; destaca-se entre as diferentes formas de violência por seu forte conteúdo moral, afetando de maneira intensa todos os envolvidos com sua ambiguidade e incerteza, principalmente, a equipe de saúde. Acontece na maioria das vezes no próprio ambiente doméstico, onde o agressor faz uso da sua autoridade sobre a criança e o adolescente indefeso, ocasionando danos físicos e psicológicos (CHAVES *et al.*, 2020).

Além disso, sabe-se que na maioria das vezes as crianças e adolescentes sofrem calados, pois não sabem identificar o que sofreram ou têm medo de relatar, comprometendo o seu desenvolvimento e crescimento. Entretanto, os casos que são levados ao atendimento hospitalar necessitam de uma equipe multiprofissional que deve estar preparada psicologicamente para identificar e oferecer os cuidados necessários; portanto, faz-se relevante a coleta de evidências forenses e protocolos de atendimento padronizados (TOLU; GUDU, 2020).

Quando no atendimento hospitalar, faz-se necessário saber identificar os sinais e sintomas de violência: realizando acolhimento, atendimento, notificação de casos e encaminhamento das vítimas para a rede de cuidados, que tem como intuito fortalecer e orientar toda a rede de atenção e cuidado; por isso a importância da atuação profissional no planejamento de ações de promoção de saúde, prevenção e proteção (MIRANDA *et al.*, 2020).

Referente ao trabalho em equipe multiprofissional, o enfermeiro atua diretamente com essas vítimas, sendo em muitas vezes, o profissional na linha de frente responsável pela formação de um vínculo de confiança com os pacientes. Sabendo da importância da enfermagem à vítima de abuso, este estudo busca identificar na literatura a percepção do enfermeiro no atendimento hospitalar de crianças e adolescentes vítimas de violência sexual.

OBJETIVO

Identificar a percepção da enfermagem sobre o atendimento hospitalar de crianças e adolescentes vítimas de violência sexual na literatura científica.

METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão da literatura integrativa desenvolvida a partir de um protocolo norteador de busca de documentos online, indexados na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). Na

primeira etapa foi elaborada uma questão norteadora partindo da estratégia de PICO, no qual P (paciente) - crianças e adolescentes vítimas de violência sexual; I (interesse) - percepção da enfermagem diante o atendimento hospitalar; Co (contexto) Literatura científica, sendo assim: Qual a percepção da enfermagem durante o atendimento hospitalar de crianças e adolescentes vítimas de violência sexual?

Realizou-se a busca dos artigos indexados nas bases de dados em agosto de 2021, mediante uso dos Descritores em Saúde (DeCS) “Adolescente”, “Criança”, “Cuidado de Enfermagem”, “Hospital” e “Violência Sexual”, intercalados com o operador booleano AND. Inicialmente a população do estudo foi composta por 754 manuscritos, ficando ao término da busca 7 paracomposição da amostra, mediante a aplicabilidade dos critérios de inclusão a saber: estudos com texto completo, disponível, idiomas inglês e português, nos últimos 5 anos (2016-2021), e excluídos aqueles que não atendiam a pergunta de pesquisa ou que se apresentam duplicados.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

De acordo com a literatura, torna-se evidente os altos índices de crianças e adolescentes admitidas em ambiente hospitalar vítimas de violência sexual, sendo assim, consequentemente necessitando de um atendimento de qualidade por parte da equipe de enfermagem. Dessa forma, os profissionais de enfermagem estão diretamente envolvidos na assistência, prestando atendimento de emergência, promovendo profilaxia para prevenção de infecções sexualmente transmissíveis, prestando assistência

à saúde mental, educação em saúde e se atentando para o preenchimento correto das fichas de notificação das violências (JARDIM *et al.*, 2019).

A equipe de enfermagem vai atuar diretamente na atenção e cuidados ofertados para as crianças e adolescentes vítimas de abuso, de forma que devem estar bem-preparados para saber identificar, acolher, intervir, notificar e encaminhar, usando estratégias de intervenção, possuindo a compreensão completa do caso. Ademais, é necessário a capacitação para a equipe de enfermagem para proporcionar conforto a vítima (HORNOR *et al.*, 2019).

Tendo em vista as dificuldades que permeiam o atendimento as estas vítimas, o enfermeiro tem papel fundamental para a criação de um vínculo com esses pacientes, fornecendo uma assistência humanizada, individualizada e holística levando em consideração a vulnerabilidade em que se encontram (TOLU; GUDU, 2020). Ademais, além da assistência direta ao indivíduo, o estudo de Chave *et al* (2020), fez uma análise do perfil epidemiológico das vítimas admitidas em um hospital de referência e apresentou a necessidade do preenchimento correto das fichas dos atendimentos.

Diante da assistência hospitalar, o setor de urgência e emergência ganha destaque, tendo em vista, que em grande parte dos casos as vítimas necessitam de cuidados críticos (ALMEIDA *et al.*, 2017). Como mostra o estudo de Lee *et al* (2021), no qual analisou-se o perfil das crianças vítimas de abuso sexual em um pronto socorro pediátrico e notou-se que a maioria das crianças já haviam sofrido de outro incidente, sendo assim, percebendo a necessidade de intervenções para evitar recorrências.

Dessa forma, percebe-se a importância da assistência

ofertada nos diversos setores de atendimento hospitalar, assim como o cuidado envolvendo uma equipe multiprofissional, em que cada setor tem papel fundamental diante da identificação e do encaminhamento dos casos, sendo necessário práticas humanizadas dentro de uma rede integrada de serviços de saúde com os demais sistemas (MIRANDA *et al.*, 2020).

A profilaxia de Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) é outro fator que foi analisado e ofertado aos pacientes vítimas de violência sexual, sendo necessário a realização correta do tratamento, considerando o esquema terapêutico de cada caso (SCHILLING *et al.*, 2017). Ademais, assim como no estudo de DEUTSCH *et al* (2018), é preciso que haja uma educação em saúde sobre a prevenção das ISTs aos cuidadores e as vítimas, bem como o treinamento dos profissionais em âmbito hospitalar.

CONCLUSÕES

Mediante os resultados, observou-se a importância que a equipe de enfermagem tem nos cuidados prestados à criança e adolescente vítima de violência sexual e os desafios que eles tem frente ao atendimento hospitalar, o qual se permite ampliar o olhar e refletir sobre um contexto de cuidado tão específico; exercendo o papel que vai além da técnica ou cuidados físicos, na qual envolve sentimentos e emoções que refletem no cuidado e em toda a assistência direcionada à vítima e sua família. Além disso, vale salientar, a necessidade de capacitação dos profissionais de enfermagem de diferentes áreas, para que haja identificação precoce, diminuindo os casos recorrentes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Ana Nunes de *et al.* Análise das variáveis contextuais na avaliação dos maus-tratos infantis a partir da realidade de uma urgência pediátrica☆. **Jornal de Pediatria**, v. 93, p. 374-381, 2017.

CHAVES, Larissa Nogueira *et al.* Epidemiologia do abuso sexual contra crianças e adolescentes admitidas em um hospital de referência da amazônia brasileira: um estudo exploratório-descritivo. **Diagn. tratamento**, p. 138-146, 2020.

DEUTSCH, Stephanie Anne *et al.* Abordando a prevenção do HPV durante o atendimento de agressão sexual aguda em pediatria. **Jornal de enfermagem forense**, v. 14, n. 3, pág. 154, 2018.

HORNOR, Gail *et al.* Commercial sexual exploitation of children: an update for the forensic nurse. **Journal of forensic nursing**, v. 15, n. 2, p. 93-102, 2019.

JARDIM, Fabrine Aguilar *et al.* Assistência de enfermagem à criança vítima de violência sexual: relato de experiência. **Saúde Coletiva (Barueri)**, v. 9, n. 48, p. 1309-1313, 2019.

LEE, Magdalene HM *et al.* A review of child sexual abuse cases presenting to a paediatric emergency department. **Annals of the Academy of Medicine, Singapore**, v. 50, n. 7, p. 527-535, 2021.

MIRANDA, Millena Haline Hermenegildo *et al.* Violência sexual contra crianças e adolescentes: uma análise da prevalência e fatores associados. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 54, 2020.

SCHILLING, Samantha *et al.* Improving HIV post-exposure prophylaxis rates after pediatric acute sexual assault. **Child abuse & neglect**, v. 69, p. 106-115, 2017.

TOLU, Lemi Belay; GUDU, Wondimu. Sexual assault cases at a tertiary referral hospital in urban Ethiopia: One-year retrospective review. **PloS one**, v. 15, n. 12, p. e0243377, 2020.

ADOLESCENTES SOBREVIVENTES DE TRÁFICO HUMANO: UMA VISÃO SOBRE A ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM

Tamiris Alves Chagas¹, Larissa de Lima Domingos¹, Larissa Laíse Marinho Carvalho¹,
Rebeca de Sousa Costa da Silva¹, Thiemmy de Souza Almeida Guedes²

1. Discente do curso de enfermagem do Centro Universitário UNIFACISA.
2. Pós-Graduada em Saúde Coletiva pela Faculdade Venda Nova do Imigrante (FAVENI) (tamiris.chagas@maiunifacisa.com.br)

Palavras-chave: Adolescente; Enfermagem; Tráfico de Pessoas.

INTRODUÇÃO

O tráfico humano pode ter vítimas de diversas faixas etárias, sexo, raça e classe social; assim como pode ocorrer de diferentes formas, como o tráfico sexual e o trabalho escravo, por exemplo. Apesar de não ser um problema novo, o tráfico humano ainda é pouco discutido, contribuindo para uma maior dificuldade de identificação dessa problemática. Vale salientar, que casos de tráfico humano não é um problema distante, podendo estar presente em diversos lugares (EINBOND *et al.*, 2020).

Diante dessas situações, muitos profissionais, dentre eles trabalhadores da saúde, estão envolvidos desde a identificação até a reabilitação dos sobreviventes, sobretudo aos adolescentes; assim como a enfermagem forense, que está inserida diretamente nesse campo de atuação, sendo imprescindível seu cuidado às vítimas, através da promoção de uma assistência de qualidade e holística ((BOSWELL; HEIDE; WRIGHT, 2019).

As vítimas estão susceptíveis a sofrerem diversos impactos negativos na saúde e qualidade de vida, quanto aos adolescentes sobreviventes do tráfico de pessoas, estes tornam-se mais vulneráveis a desenvolverem problemas em sua vida, tendo em vista, que a adolescência é o período de transição da infância para a vida adulta, o qual ocorrem diversas mudanças no corpo e na mente (KAPPEL *et al.*, 2020).

Tendo em vista o papel do profissional de saúde frente a assistência às vítimas de tráfico humano, em especial aos adolescentes, este estudo traz uma análise, de acordo com a literatura científica, acerca da relevância da assistência e do papel da enfermagem frente a situações envolvendo vítimas tão vulneráveis.

OBJETIVO

Identificar na literatura científica a assistência de enfermagem ao adolescente sobrevivente de tráfico humano.

METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão da literatura desenvolvida a partir de um protocolo norteador de busca de documentos

online, indexados na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). Na primeira etapa foi elaborada uma questão norteadora partindo da estratégia de PICO, no qual P (paciente) - Adolescente sobrevivente de tráfico humano; I (interesse) - Assistência de enfermagem; Co (contexto) Literatura científica, sendo assim: Como ocorre a assistência de enfermagem aos adolescentes sobreviventes de tráfico humano?

Realizou-se a busca dos artigos indexados nas bases de dados em julho de 2021, mediante o uso dos Descritores em Saúde (DeCS) “Adolescente”, “Enfermagem” e “Tráfico de Pessoas” intercalados com o operador booleano AND entre eles. Inicialmente a população do estudo foi composta por 58 manuscritos, ficando ao término da busca 6 para composição da amostra, mediante a aplicabilidade dos critérios de inclusão a saber: estudos com texto completo, disponível, idiomas inglês e português, nos últimos 5 anos (2016-2021), e excluídos aqueles que não atendiam a pergunta de pesquisa ou que se apresentam duplicados.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

De acordo com os artigos encontrados, foram observados que a enfermagem tem papel fundamental na assistência aos adolescentes que foram vítimas de tráfico de pessoas, tendo em vista, a vulnerabilidade que os mesmos se encontram. Os enfermeiros atuam no acolhimento desses adolescentes ao entrarem nos serviços de saúde, nas intervenções em sua saúde mental, na saúde reprodutiva e sexual e desempenham uma função importante na identificação e prevenção do tráfico humano.

Yaklin e Rolin, (2020), analisaram em seu estudo os impactos que os sobreviventes de tráfico humano sofrem em sua saúde mental e o papel dos profissionais de psiquiatria, incluindo o enfermeiro, na assistência a esses sobreviventes. Assim como no estudo de Fazio *et al.*, (2021), no qual foi identificado que embora os problemas físicos sejam tratados, é preciso uma atenção maior à saúde mental desses indivíduos, pois podem vir a desenvolver problemas como a depressão e ansiedade, impactando significativamente na qualidade de vida desses adolescentes.

De acordo com Kappel *et al.*, (2020) esses adolescentes necessitam de uma abordagem multiprofissional, sendo

ofertados serviços como, odontologia, psicologia, consultas com pediatra e testagem de infecções sexualmente transmissíveis. Referente a profissão de enfermagem, esses profissionais podem atuar na linha de frente no cuidado a esses adolescentes, visando a criação de um vínculo de confiança entre paciente-profissional, a fim de promover educação, apoio e cuidado apessoa (BOSWELL; HEIDE; WRIGHT, 2019).

Assim, a enfermagem tem papel fundamental para reabilitação dos jovens vítimas de tráfico humano, fornecendo assistência que leve em consideração todos os aspectos biopsicossociais do indivíduo. Sendo necessário, prestar um atendimento a curto, médio e longo prazo (TWIGG, 2017). Outro fator importante que deve ser levado em consideração é a atuação da enfermagem frente à educação continuada em saúde, promovendo conhecimento a população quanto a prevenção e identificação do tráfico humano, além de ter um olhar criterioso durante o

atendimento nos serviços de saúde, assim como, atentar-se para a privacidade e segurança do paciente a fim de identificar casos de tráfico de pessoas (EINBOND *et al.*, 2020).

CONCLUSÕES

Diante dos resultados, é possível concluir que a enfermagem tem um papel fundamental na assistência ofertada aos adolescentes, desde o acolhimento nos serviços de saúde como no acompanhamento, prevenção e identificação do tráfico humano, sendo necessária capacitações continuadas que auxiliem na atuação frente a essas situações. Ademais, a abordagem faz-se necessária, proporcionando um cuidado biopsicossocial, possibilitando um vínculo entre paciente-profissional a fim de assegurar o cuidado e apoio necessários.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSWELL, Kristie; TEMPLES, Heide S.; WRIGHT, Mary Ellen. LGBT youth, sex trafficking, and the nurse practitioner's role. **Journal of Pediatric Health Care**, v. 33, n. 5, p. 555-560, 2019.

EINBOND, Julia *et al.* Tráfico de pessoas em adolescentes: adotando uma abordagem centrada na juventude para identificação e serviços. **Atenção primária**, v. 47, n. 2, pág. 307-319, 2020.

FAZIO, Nicole *et al.* Mental health problems among youth experiencing sex trafficking. **The Nurse Practitioner**, v. 46, n. 1, p. 6-11, 2021.

KAPPEL, Rachel *et al.* Featured counter-trafficking program: the CAREs clinic, a primary care medical home for commercially exploited youth. **Child abuse & neglect**, v. 100, p. 104124, 2020.

TWIGG, Naomi M. Comprehensive care model for sex trafficking survivors. **Journal of nursing scholarship**, v. 49, n. 3, p. 259-266, 2017.

YAKLIN, Sandra; ROLIN, Donna. Recognizing the risk factors, signs, and symptoms of domestic minor sex trafficking in mental health clinical practice. **Journal of Psychosocial Nursing and Mental Health Services**, v. 58, n. 11, p. 21-28, 2020.

ASSOCIAÇÃO DA VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA E A IDADE ENTREESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS QUE ESTÃO EM UM RELACIONAMENTO AFETIVO

Larissa de Lima Domingos¹, Larissa Laíse Marinho Carvalho¹, Tamiris Alves Chagas¹,
Júlia Maria Ferreira do Rêgo¹, Gleicy Karine Nascimento de Araújo-Monteiro²,
Cláudia Quêzia Amado Monteiro Leal²

1. Acadêmica de enfermagem do Centro Universitário – UNIFACISA.

2. Docente do curso de enfermagem no Centro Universitário – UNIFACISA (larissa.domingos@maisunifacisa.com.br)

Palavras-chave: Violência Psicológica, Idade, Relacionamento Afetivo

INTRODUÇÃO

Segundo a Organização Mundial de Saúde, violência psicológica é toda forma de rejeição, depreciação, discriminação, desrespeito, cobrança exagerada, punições humilhantes e utilização da pessoa para atender às necessidades psíquicas de outrem onde essas ações também afetem a identidade, a autoestima e o desenvolvimento pessoal da vítima (DAHLBERG, 2006).

No contexto das universidades, é muito comum que a maioria dos estudantes estejam em relacionamentos afetivos uma vez que os mesmos estão em uma faixa etária onde seus sentimentos e desejos se afloram e no campus a sua socialização é ampliada permitindo um vasto leque de ciclos de amizades com as mais diversos tipos de pessoas, crenças, gênero e cultura. Todavia, esses mesmos jovens que estão se descobrindo, se relacionando e encontrando amigos também são os mais vulneráveis a se tornarem vítimas de violência por seus parceiros (MOTA, 2020).

A falta de conhecimento sobre os tipos de violência, o medo de procurar ajuda e prejudicar o parceiro podem ser considerados fatores de risco para o aumento dessa vulnerabilidade e a incapacidade de se identificar o ato da violência considerando muitas das vezes ser apenas um comportamento aceitável ou ser uma característica pessoal do companheiro. Sendo assim, essas vítimas continuam vivenciando situações de violência e passam muito tempo silenciadas e imperceptíveis para as pessoas do seu convívio que pela mesma escassez de informação não conseguem identificar os sinais de violência que o próximo e até o próprio agressor apresentam sejam nos seus comportamentos, falas, posicionamentos ou como se relacionam com os outros e com o companheiro (GODINHO et al 2018).

Deste modo, emerge a necessidade de se dialogar sobre essa temática levando conhecimento e informações tanto para a prevenção da violência no âmbito universitário, como o ensino orientações relacionadas aos sinais e ações violentas, a percepção de atitudes que levam a um risco ou ato de violência além de se atentar a disponibilizar suporte e apoio para os discentes que foram vítimas da violência psicológica em virtude de seus relacionamentos afetivos.

OBJETIVO

Analisar a associação entre a violência psicológica e a idade entre estudantes universitários que estão em um relacionamento afetivo.

MÉTODO

Trata-se de um estudo descritivo, analítico, do tipo transversal, realizado com estudantes de uma universidade pública do município de Campina Grande- PB. Os estudantes foram selecionados aleatoriamente, por conveniência, tendo como critérios de elegibilidade: maior que 18 anos, que estivesse em relacionamento afetivo há pelo menos dois meses; e tendo como critério de exclusão aqueles que apresentavam união estável com divisão de domicílio.

A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa, com o protocolo de aprovação do parecer nº 3.982.340. Os dados foram coletados via Google Forms e foram transportados e analisados no SPSS, por meio do Teste de Exato de Fisher, sendo adotado o valor de 5% para significância estatística (p-valor<0,05).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A amostra foi composta por estudantes de enfermagem, medicina e psicologia, totalizando 55 participantes. Destes, 70,2% (n=40) pertencem a faixa etária de 18 a 22 anos e 83,6% (n=46) dos estudantes afirmam que sofreram violência psicológica. Ao realizar a análise de associação, identificou-se que a análise apresentou associação significativa sob o ponto de vista estatístico entre a violência psicológica e a idade (p-valor<0,001), de modo que, a violência psicológica predominou entre os estudantes com faixa etária mais jovem (97,4%; n=38).

O presente estudo identificou que a violência psicológica é mais predominante na faixa etária mais jovem. Semelhante ao estudo de Zanatta *et al.*, (2018), onde os jovens possuem pouco entendimento sobre as situações de violência e na identificação específica da violência psicológica, por possuírem dificuldades em defini-la ou percebê-la, ocasionando situações de vulnerabilidade.

Os atos de violência física, moral, sexual e os comportamentos inadequados nas relações interpessoais repercutem negativamente na saúde mental, contribuindo no aparecimento de transtornos psicológicos como a depressão (GODINHO *et al.*, 2018).

A violência psicológica ocorre no relacionamento afetivo no contexto de conflitos e pode estar associada à violência física, onde situações assim ainda são vivenciadas em silêncio por não perceber ou saber identificar (CECCHETTO, Fátima *et al.*, 2016).

CONCLUSÃO

Mediante os resultados deste estudo é possível concluir que os estudantes universitários com a faixa etária mais

jovem podem estar mais susceptíveis a sofrerem de violência psicológica nos relacionamentos, sendo possível analisar que isso ocorre pelo fato de que muitos não têm o conhecimento claro sobre tal violência, fazendo com que aceitem situações violentas nos seus relacionamentos, e afetando assim na sua vida acadêmica também.

Em realidades como esta, é de extrema importância se atentar aos números de casos de violência psicológica em estudantes universitários, para assim esclarecer sobre a violência psicológica, e evitar que jovens dentro de um relacionamento sofra com isso, e saiba identificar cada vez mais atitudes violentas, mantendo assim um suporte e apoio para esses jovens no sentido de mudar esse cenário atual.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CECCHETTO, Fátima *et al.* Violências percebidas por homens adolescentes na interação afetivo-sexual em dez cidades brasileiras. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 20, p. 853-864, 2016.

Ciência & Saúde Coletiva, v. 11, p. 1163-1178, 2006.

DA SILVA GODINHO, Carla Christina Pereira *et al.* A violência no ambiente universitário.

DAHLBERG, Linda L.; KRUG, Etienne G. Violência: um problema global de saúde pública.

MOTA, João Ricardo Serrano. **A capa negra do amor: a importância do gênero na percepção da violência sexual nas relações amorosas entre estudantes universitários**. 2020. Dissertação de Mestrado. Universidade de Évora.

Revista Brasileira em Promoção da Saúde, v. 31, n. 4, 2018.

ZANATTA, Elisangela Argenta *et al.* Violência no contexto de jovens universitários de enfermagem: repercussões na perspectiva da vulnerabilidade. **Revista Baiana de Enfermagem**, v. 32, 2018.

A IMPORTÂNCIA DO ENFERMEIRO NA PRÁTICA FORENSE: UMA REVISÃO DA LITERATURA

William França dos Santos¹, Ana Regina Oliveira de Araújo Barbosa¹, Larissa Laise Marinho Carvalho²,
Larissa de Lima Domingos², Tamiris Alves Chagas², Thiemmy de Souza Almeida Guedes³

1. Acadêmico de Enfermagem pela Universidade Federal de Pernambuco.
2. Acadêmicas do curso de enfermagem pela UNIFACISA.
3. Pós-Graduada em Saúde Coletiva pela Faculdade Venda Nova do Imigrante - FAVENI (Williamfds1997@gmail.com).

Palavras-chave: *Enfermagem Forense, Ciências Forense, Enfermagem*

INTRODUÇÃO

De acordo com a International Association of Forensic Nursing (IAFN), a especialização é definida como a aplicação da ciência da enfermagem ao público e à justiça; a aplicação envolve os aspectos forenses dos cuidados de saúde, ligados com a formação biopsicossocial dos enfermeiros; Os enfermeiros forenses possuem total compreensão de como é o funcionamento do sistema de saúde vigente no Brasil, incluindo os aspectos sociais e legais, desta forma, em conjunto com ciências forenses podem atuar de maneira eficaz na investigação científica da morte, coleta e preservação de vestígios, abuso sexual, traumas, violências e demais atribuições. Nesta revisão, buscamos através da literatura, analisar como é prestada a assistência e a importância do enfermeiro forense, implementando a aplicação do processo de enfermagem ao processo de investigação da morte, interagindo também com as famílias, promovendo humanização no processo do luto, bem como é realizada essa prática e quais suas contribuições para o meio científico.

OBJETIVOS

Analisar a importância de atuação do enfermeiro, correlacionando com a prática forense no Brasil, de acordo com a literatura científica disponível, nacionalmente e internacionalmente.

METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, realizada por meio das bases de dados Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e Medical Publications (PubMed). A consulta foi realizada nos meses de junho e julho de 2021 com o uso dos Descritores “Forensic Nursing” e “Forensic Science”, cruzados por meio do Operador Booleano “AND”. Os artigos foram submetidos a critérios de inclusão e exclusão, os critérios de inclusão adotados foram: artigos originais disponíveis na íntegra, estudo de casos, em português, inglês e espanhol, disponíveis gratuitamente nos últimos 10 anos e que abordassem o objetivo proposto. Foram excluídos artigos que não estavam disponíveis em português, inglês e espanhol, revisões de literatura, teses, dissertações e os que

não estavam disponíveis gratuitamente. A partir da busca inicial com os descritores e operadores booleanos definidos, foram encontrados 908 estudos nas bases selecionadas e após aplicar os critérios de inclusão e exclusão, foram selecionados 10 estudos para compor a revisão. Adotou-se a questão norteadora: “ Qual a relevância da prática de Enfermagem Forense no Brasil? “

RESULTADOS E DISCUSSÕES

As ciências forenses surgem como uma prática da enfermagem que alinham os conhecimentos técnicos aos científicos, para desenvolvimento de uma prática mais holística e um atendimento ideal às vítimas (MACHADO *et al.*, 2020). O profissional de enfermagem está em contato direto com os pacientes, sendo um dos primeiros a atender em situações de violência física, sexual, traumas ou outras formas de violência, primordialmente sendo aplicado no âmbito hospitalar e pré-hospitalar, prestando a assistência não só no atendimento mas em toda execução e coleta de informações, garantindo o sigilo profissional de todas as partes envolvidas, promovendo apoio psicológico e preservando a saúde mental das vítimas, sempre em concordância com os limites legais estabelecidos. O estudo de Peternej-Taylor (2020), aborda a atuação da enfermagem forense durante a pandemia da COVID-19, tendo em vista, que as pessoas tornam-se mais vulneráveis a situações de violência, em decorrência do isolamento social. Além disso, há também a atuação do enfermeiro frente ao combate a disseminação do vírus entre os prisioneiros e os moradores de rua; Assim como no estudo de Henderson *et al* (2012), no qual observou-se que os profissionais de saúde, incluindo os enfermeiros, estão diretamente relacionados na qualidade dos resultados em casos forenses. A enfermagem forense está inserida em diversas áreas, como no centro cirúrgico, onde lidam frequentemente com eventos que necessitam de cuidados adequados nos procedimentos de preservação de vestígios, visto que, dão entrada vários pacientes vítimas de casos forenses, como tiros, intoxicações e agressões (OZSAKER *et al.*, 2019). De Oliveira Ribeiro e Dixe (2020), avaliaram a eficácia de uma intervenção para melhorar o conhecimento dos estudantes de enfermagem, tendo em vista que dentro

das universidades, o campo forense, ainda é pouco discutido e é vista a necessidade do aprendizado da enfermagem forense. Sendo assim, além da prática clínica, o enfermeiro forense tem papel fundamental na formação de acadêmicos do curso, tendo como desafio a inserção do conteúdo das ciências forenses para a preparação dos alunos para sua futura atuação profissional (MACHADO; ARAÚJO; FIGUEIREDO, 2019).

CONCLUSÃO

Portanto, podemos perceber o amplo campo de atuação que a enfermagem forense vem conquistando e se destacando com o passar dos anos, tomando cada vez mais espaço e mostrando sua importância para a melhoria da assistência em saúde, contribuindo de forma positiva na resolutividade, transparência e embasamento científico das questões em saúde e bem estar dos indivíduos. Outrossim, é importante destacar que é uma temática que merece mais visibilidade e que se ofertada nas grades curriculares dos cursos de graduação podem acarretar em uma maior qualidade do conhecimento dos profissionais que em breve sairão formados e irão atuar frente às mais diversas situações em seu âmbito de trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEFUS, Deanna R. et al. Advancing health equity and social justice in forensic nursing research, education, practice, and policy: Introducing structural violence and trauma-and violence-informed care. *Journal of forensic nursing*, v. 15, n. 4, p. 199-205, 2019.

DE OLIVEIRA MUSSE, Juliana et al. Preservação de vestígios de perfúria por profissionais de saúde em um hospital do Nordeste do Brasil. *Ciência forense internacional*, v. 306, p. 110057, 2020.

DE OLIVEIRA RIBEIRO, Gonçalo Pedro; DIXE, Maria dos Anjos Coelho Rodrigues. Knowledge of Forensic Nursing Practices: Efficacy of an Intervention for Nursing Students. *Journal of forensic nursing*, v. 16, n. 3, p. 154-160, 2020.

DRAKE, Stacy A. et al. Forensic nursing state of the science: Research and practice opportunities.

FOLTRAN, RENATA K., and LENICE SHIBATTA. "A ciência forense e as principais áreas auxiliares." *ATENÇÃO AO IDOSO AÇÃO MULTIPROFISSIONAL EM SAÚDE* (2011).

HENDERSON, Elizabeth; HARADA, Nahoko; AMAR, Angela. Caring for the forensic population: Recognizing the educational needs of emergency department nurses and physicians. *Journal of Forensic Nursing*, v. 8, n. 4, p. 170-177, 2012.

Drake SA, Koetting C, Thimsen K, Downing N, Porta C, Hardy P, Valentine JL, Finn C, Engebretson J. Forensic Nursing State of the Science: Research and Practice Opportunities. *J Forensic Nurs.* 2018 Jan/Mar;14(1):3-10.

MACHADO, Bárbara Pinheiro; DE ARAÚJO, Isabel Maria Batista; FIGUEIREDO, Maria do Céu Barbieri. Forensic nursing practice-What do the students know anyway?. *Forensic Science International: Synergy*, v. 2, p. 138-143, 2020.

MACHADO, Bárbara; ARAÚJO, Isabel; BARBIERI-FIGUEIREDO, M. C. Forensic nursing: what is taught in the bachelor's degree in nursing in Portugal. *Revista de Enfermagem Referência*, v. 4, n. 22, p. 43-50, 2019.

OZSAKER, Esma et al. Forensic Cases in the Operating Room: Knowledge and Practices of Physicians and Nurses. *Journal of PeriAnesthesia Nursing*, v. 35, n. 1, p. 38-43, 2020.

PETERNELJ-TAYLOR, Cindy. Forensic Nursing in the Wake of COVID-19. *Journal of forensic nursing*, 2020.

SOMMERS, Marilyn S. et al. Injuries from intimate partner and sexual violence: Significance and classification systems. *Journal of forensic and legal medicine*, v. 19, n. 5, p. 250-263, 2012.

VALENTINE, Julie L.; SEKULA, L. Kathleen; LYNCH, Virginia. Evolution of forensic nursing theory - Introduction of the constructed theory of forensic nursing care: A middle-range theory. *Journal of forensic nursing*, v. 16, n. 4, p. 188, 2020.

WICKWIRE, Karin A. et al. Forensic Nursing Research: The Basics Explained. *Journal of Forensic Nursing*, 2021.

ASSOCIAÇÃO ENTRE A VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA E A CAPACIDADE ARGUMENTATIVA ENTRE UNIVERSITÁRIOS COM RELACIONAMENTO AFETIVO

Vitória Ribeiro dos Santos¹, Gabriele Santos do Nascimento¹, Larissa de Lima Domingos¹, Lindemberg Arruda Barbosa¹, Emanuella de Castro Marcolino², Renata Clemente dos Santos²

1. Acadêmica de enfermagem do Centro Universitário – UNIFACISA.

2. Docente do curso de enfermagem no Centro Universitário – UNIFACISA (vivviantosribeiro12356@gmail.com).

Palavras-chave: Relacionamento Afetivo, Violência Psicológica; Enfermagem Forense; Universitários

INTRODUÇÃO

A violência é considerada um dos maiores desafios para a saúde pública mundial, definida como o uso intencional de força física ou poder contra si próprio ou outro indivíduo em uma relação íntima, causando danos ou sofrimentos psicológicos, físicos, sexuais como também privação de liberdade, subdesenvolvimento e até morte (SOUZA *et al.*, 2018; WHO, 2002).

Dentre os seus variados tipos, destaca-se a violência psicológica, caracterizada como qualquer ato verbal ou comportamental, adotado por um dos membros da relação, com o intuito de impor ao outro, sensações de medo ou receio, através de atitudes como insultos, isolamento social da vítima, intimidação, ameaças, humilhações e diminuição da autoconfiança, causando severas consequências à vítima, no entanto, a maioria têm dificuldade em reconhecer a mesma e raramente procuram ajuda (BARREIRA *et al.*, 2013; DUARTE, 2019).

Segundo o instrumento *Conflict Tactics Scales Form R* (CTS-1) desenvolvido na década de 70, a capacidade argumentativa abordada na pesquisa refere-se à capacidade de resolução de um conflito de forma moderada e sensata nas diferentes relações íntimas (HASSELMANN; REICHENHEIM, 2003).

A argumentação é um passo importante para a negociação, em que se deve ter a habilidade de convencer, escutar o outro e renunciar a alguns de seus interesses, garantindo um bem-estar pessoal, no entanto, nem sempre exclui algumas formas de violência, principalmente a psicológica (BRETON, 2012).

A violência psicológica é o tipo mais predominante quando comparada aos outros tipos de violência, comumente precede as demais violências, impossibilita à vítima de tomar decisões e de ser independente emocionalmente (VALÉRIO, 2018).

Os jovens atualmente vêm naturalizando a violência psicológica e tornando-a uma forma de comunicação e de solução de problemas, muitas vezes nem sendo reconhecida como violência propriamente dita, mas como um método para evitar traições ou dominar as atitudes do(a) parceiro(a) (SOUZA *et al.*, 2018). É um tipo de agressão que não resulta em marcas ou cicatrizes visíveis, mas provoca sequelas

emocionais indestrutíveis, prejudicando a autoestima e autoconfiança do indivíduo (NUNES, 2017).

OBJETIVO

Determinar a associação entre a violência psicológica e a capacidade argumentativa para resolver conflitos entre universitários com relacionamento afetivo.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo, analítico, e transversal realizado com estudantes de uma universidade pública do município de Campina Grande – PB. Os participantes foram selecionados de forma aleatória por conveniência, atendendo aos critérios de elegibilidade: maior que 18 anos, que estivesse em relacionamento afetivo há pelo menos dois meses; e como critérios de exclusão: aqueles que apresentavam união estável com divisão de domicílio.

Para coleta de dados foi aplicada a escala de táticas de conflito (CTS), a partir dela foram definidas as variáveis do estudo quanto a argumentação e a ocorrência da violência psicológica. Após coletados, os dados foram transportados e analisados no SPSS por meio do teste de qui quadrado de fisher, sendo adotado significância estatística p-valor < 0,05. Os dados foram coletados via Google Forms após aprovação do comitê de ética e pesquisa sob parecer nº 3.982.340.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O estudo teve uma amostra de 55 estudantes dos cursos de enfermagem, medicina e psicologia. A maioria dos participantes indicaram que já tiveram relacionamento de união estável previamente (87,7%), enquanto 12,3% não.

A associação entre a capacidade argumentativa e a ocorrência da violência psicológica não apresentou significância do ponto de vista estatístico (p=0,06). Embora a capacidade argumentativa seja a forma mais pacífica para resolução de conflitos, os achados dessa análise indicam que mesmo existindo a comunicação entre os jovens no relacionamento afetivo, visando a não ocorrência da violência, 97,8% (n=45) dos participantes experienciaram a

violência psicológica.

Uma pesquisa realizado com participantes de 10 capitais do Brasil mostrou que a infidelidade e o ciúme se destacaram como motivos de conflitos e brigas durante o namoro. E que esses fatores alimentam a ocorrência da violência psicológica, sendo evidenciada por condutas de controle, humilhação e cerceamento de liberdade (OLIVEIRA *et al.*, 2017).

Em consonância com o trabalho Barreira, Lima e Avanci (2013) em que participaram 302 jovens da cidade de Recife-PE, observou que 82,8% dos entrevistados que tiveram relacionamentos amorosos foram perpetradores de violência psicológica, tendo como fatores influenciadores para a ocorrência da mesma, ter vivenciado violência na comunidade, e encontrar-se em relacionamentos com duração maior que um ano.

Nesse ínterim, Murta *et al.* (2016) afirma que a violência no namoro é coerente com a falta de habilidade na negociação de conflitos e na regulação das emoções, favorecendo o desenvolvimento de um apego inseguro, o que produz prejuízos nas capacidades de consciência, compreensão, aceitação e na inibição de comportamentos impulsivos, através de estratégias de comunicação destrutivas em episódios de conflitos com o parceiro.

Dessa forma, a capacidade de argumentar é a melhor e mais sutil opção de intervenção para evitar violência e manipulação psicológica nos relacionamentos afetivos, de modo a obter um passo em direção a humanidade e um vínculo de forma compartilhada, e não imposta (BRETON,

2012).

Em vista disso, se faz necessário pesquisas sobre essa temática no Brasil e a realização de ações para prevenção e intervenção sobre violência psicológica e a capacidade de argumentação das

vítimas de violência no relacionamento afetivo, para que haja propagação da informação e consequentemente uma diminuição da vulnerabilidade já existente nesse grupo populacional (BARREIRA *et al.*, 2014; MURTA *et al.*, 2016).

CONCLUSÕES

Este estudo evidenciou que não há uma associação estatisticamente significativa entre a violência psicológica e a capacidade argumentativa para resolver conflitos entre universitários que estão em um relacionamento afetivo, ainda que a literatura relaciona a comunicação como uma forma sensata, moderada e resolutiva, observou-se que a maioria dos participantes, que usufruem da comunicação, vivenciaram a violência psicológica.

Dessa forma, assinala-se a necessidade de mais pesquisas objetivando a compreensão e resolução de todos os fatores inerentes à temática. Salienta-se, ainda, a limitação de participantes dessa amostra de modo que os resultados não podem ser generalizados. Entretanto, espera-se que estas análises sirvam de suporte para os profissionais e estudantes na resolução desses problemas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARREIRA, Alice Kelly *et al.*, Direcionalidade da violência física e psicológica no namoro entre adolescentes do Recife, Brasil. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 17, p. 217-228, 2014.

BARREIRA, Alice Kelly; LIMA, Maria Luiza Carvalho de; AVANCI, Joviana Quintes. Coocorrência de violência física e psicológica entre adolescentes namorados do Recife, Brasil: prevalência e fatores associados. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 18, p. 233-243, 2013.

BRETON, Philippe. Como convencer? Da comunicação argumentativa à manipulação. **Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, 2012. Disponível em: <<http://periodicos.uesc.br/index.php/eidea/article/view/411/419>>. Acesso em: 18 ago. 2021.

DUARTE, Catarina Raquel da Silva. Violência no Namoro: **Taxa de incidência em estudantes universitários. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso.** [sn]. Disponível em: <https://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/8315/1/PG_Catarina%20Duarte.pdf>. Acesso em: 17 ago. 2021.

HASSELMANN, Maria Helena; REICHENHEIM, Michael E. Adaptação transcultural da versão em português da Conflict Tactics Scales Form R (CTS-1), usada para aferir violência no casal: equivalências semântica e de mensuração. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 19, p. 1083-1093, 2003.

MURTA, Sheila Giardini *et al.* Efeitos de um programa de prevenção à violência no namoro. **Psico-USF**, v. 21, p. 381-393, 2016.

NUNES, Raquel Amorim. **Sintomatologia depressiva e conflitos no contexto das relações íntimas de estudantes universitários.** Dissertação para grau de mestre. Universidade da Beira Interior. Corvilhã. 2017. Disponível em: <https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/9327/1/5547_12424.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2021.

OLIVEIRA, Queiti Batista Moreira *et al.*, Violência física perpetrada por ciúmes no namoro de adolescentes: Um recorte de gênero em dez capitais brasileiras. **Psicologia: teoria e pesquisa**, v. 32, 2017.

SOUZA, Tatiana Machiavelli Carmo *et al.*, Violência contra mulher no namoro: percepções de jovens universitários. **Revista Psicologia e Saúde**, v. 10, n. 3, p. 31-43, 2018.

VALÉRIO, Inaê Dutra. **Violência por parceiros íntimos entre universitários.** 2018. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pelotas. Disponível em: <http://repositorio.ufpel.edu.br:8080/bitstream/prefix/6696/1/Dissertacao_Inae_Val%c3%a9rio.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2021.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. World report on violence and health. Geneva: World Health Organization. 2002. Disponível em: <https://www.who.int/violence_injury_prevention/violence/world_report/en/summary_en.pdf>. Acesso em: 17 ago. 2021.

PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DAS VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA SEXUAL NO BRASIL ENTRE 2015 E 2019

Larissa Laíse Marinho Carvalho¹, Larissa de Lima Domingos¹, Tamíris Alves Chagas¹,
Rebeca de Sousa Costa da Silva¹, Thiemmy de Souza Almeida Guedes²

1. Discente do curso de enfermagem do Centro Universitário UNIFACISA.

2. Pós-Graduada em Saúde Coletiva pela Faculdade Venda Nova do Imigrante (FAVENI) (larissa.carvalho@maisunifacisa.com.br).

Palavras-chave: Violência sexual; Perfil Epidemiológico; Notificação.

INTRODUÇÃO

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), a violência sexual é definida como todo ato sexual, tentativa ou insinuações sexuais indesejadas, ações para comercializar, usar de qualquer outro modo a sexualidade por meio da coerção; independentemente da relação desta com a vítima, em qualquer âmbito, incluindo o lar e o local de trabalho (KATAGUIRI *et al.*, 2019).

No Brasil, utiliza-se o Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN), por meio da Ficha Individual de Notificação de Violência padronizada pelo Ministério da Saúde, ao qual contempla diversas informações acerca dos casos de violência; como o local, o agressor e o tipo de violência realizada, possibilitando o reconhecimento do problema e o direcionamento para resolução do mesmo (DA SILVA OLIVEIRA *et al.*, 2020).

Como os profissionais da saúde são responsáveis pela primeira assistência à essas vítimas, é importante estar atento aos sinais aparentes de violência sexual; prestando um atendimento humanizado, que vise a profilaxia de Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST), gravidez indesejadas, além do amparo psicológico disponibilizando uma escuta qualificada, passando segurança e confiança para estas vítimas. Ademais, é importante que aqueles sempre estejam capacitados para realizar notificações do caso, uma vez que irá permitir uma compreensão mais ampla do aspecto epidemiológico dessas vítimas permitindo a implementação de medidas efetivas contra esse tipo de violência (GASPAR; PEREIRA, 2018).

Os sistemas de notificações são ferramentas que permitem ter esse olhar sobre as vítimas de violência sexual, possibilitando detectar os fatores de risco e agravos, de modo a evitar a subnotificação, bem como, a promoção, prevenção e reabilitação em saúde focada na melhor qualidade de vida dessas vítimas. Sendo assim, este estudo teve como objetivo avaliar, com base nos dados dispostos no Sistema de Informação de Agravos de Notificação, o perfil epidemiológico das vítimas de violência sexual no Brasil no período de 2015 a 2019.

OBJETIVO

Avaliar o perfil epidemiológico das vítimas de violência sexual no Brasil no período de 2015 a 2019.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo, exploratório, com abordagem quantitativa (DE SOUSA; DAMASCENO; BORGES, 2016) no qual foi utilizado como fonte de dados o Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN), através da base de dados do Departamento de Informações do Sistema Único de Saúde (DATASUS) e Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Foram analisadas informações sobre os casos de violência sexual que ocorreram em todo Brasil; sendo considerados como critérios de inclusão toda a população brasileira, de todas as faixas etárias, de ambos os sexos, diagnosticados como vítimas de violência de sexual no período de 2015 a 2019. Os dados foram categorizados e organizados em uma planilha produzida pelas autoras e foram extraídos no ano de 2021.

A tabulação dos dados e cálculo dos indicadores foram realizados por meio do programa TABNET, considerando as seguintes variáveis: região brasileira; ano de notificação; faixa etária das vítimas; sexo; raça/cor; nível de escolaridade; local; identificação do agressor. Foram calculadas as taxas de notificações de violência sexual a partir do total de casos notificados em cada região, dividido pela população residente em cada região, multiplicado por cem mil habitantes, utilizando como fonte o Tribunal de Contas da União, disponibilizado pelo DATASUS. Desta forma, obteve-se a incidência do agravo por cem mil habitantes. Para realização da análise de dados utilizou-se o programa Microsoft Excel 2010, no qual os resultados são apresentados em forma de gráficos e tabelas.

Por se tratar de uma pesquisa com fonte em banco de dados de acesso público secundário, e utilizar variáveis que não permitem a identificação das vítimas não foi necessário submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa, todavia, esse estudo respeita o que está disposto na Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012, seguindo todos os preceitos éticos exigidos.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados da pesquisa permitiram delinear o perfil epidemiológico dos casos de notificação de violência sexual no Brasil no período de 2015 a 2019. Neste período foram identificados um total de 1.534.378 casos notificados de violência sexual no Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN); dos quais 227.901 no ano de 2015, 243.259 em 2016, 307.367 em 2017, 350.354 em 2018 e 405.497 no ano de 2019, sendo este último, o ano em que mais ocorreu notificação de violência sexual.

Quanto às regiões do Brasil, a região Sudeste foi o local que mais obteve notificações de violência sexual com 766.192 casos, a região Sul ficou em segundo com 323.522 notificações, em seguida a região Nordeste com 242.700, após a região Centro-Oeste com 109.823 casos e por fim a região Norte com 92.141 notificações. Da Silva Oliveira (2020), traz uma análise dos casos de violência sexual entre crianças e adolescentes no estado de São Paulo no qual é pontuado que a vulnerabilidade do público, questões de raça e gênero podem intensificar e facilitar a ação dos agressores

No que se refere a faixa etária e sexo consta maior prevalência no sexo feminino com

162.117 registros e no sexo masculino 22.048 casos. Quanto à faixa etária, há um maior número entre 10 e 14 anos com 54.851 casos, mostrando evidentemente que a maioria das vítimas são adolescentes, que em muitos casos, ainda não iniciaram sua vida sexual. Segundo Fontes (2017), os adolescentes vítimas de abuso sexual tendem a ter maiores problemas sociais e psicológicos durante a vida, sendo necessário abordagens terapêuticas com esse grupo e medidas de prevenção para os cuidadores/responsáveis.

Quanto à raça/cor a maior prevalência foi a branca com 619.935 casos notificados, seguida da raça/cor parda com 600.551 casos, preta com 120.231 notificações, indígena com 14.365, amarela com 10.351 e 168.945 casos ignorados ou em branco. Grande parte das vítimas eram de cor branca, assim como no estudo realizado por Batista (2018) no qual 60,2% das vítimas eram dessa raça, o que mostra que mesmo com o passar dos anos permanece a mesma variável como público frequente a esse tipo de violência.

Referente ao grau de escolaridade, predominou pessoas com 5ª a 8ª série incompleto do ensino fundamental 213.764, seguido de ensino médio completo com 184.202 registros e ensino médio incompleto com 136.777 casos notificados, contudo obteve-se 494.294 notificações referente a escolaridade ignorada ou em branco. Predominou-se a baixa escolaridade, apontando para a

vulnerabilidade das vítimas em decorrência da falta de informação, relacionando-se com o menor acesso à busca dos serviços e denúncia da violência (LEITE, 2017).

Quanto ao local onde ocorreu a violência sexual, 111.755 vítimas relataram que foram violentadas sexualmente em suas residências, em seguida vem a via

pública com 22.021 casos, outros locais 18.379, escola 4.470, comércio e serviços 2.084, bar ou similar 2.057, habitação coletiva 1.831, local de prática esportiva 745, indústrias/construções com 519 registros e ignorado/em branco 95 notificações. Assim como no estudo de Miranda *et al.*, (2020), o local onde ocorreu o ato da violência sexual com mais incidência são as próprias residências das vítimas o que mostra o quanto essas pessoas estão inseguras e desprotegidas, quando nem dentro do seu próprio lar elas podem encontrar proteção

Em relação ao vínculo da vítima com o agressor, 44.797 casos eram amigos ou conhecidos, 38.621 eram desconhecidos, 16.578 eram o pai da vítima, 15.733 padrasto, 11.298 namorado, 9.110

cônjuge, 4.619 irmão, 3.973 mãe, 3.889 ex- cônjuge, 2.682 ex- namorado, 1.357 cuidador, 476 filho, 575 por patrão/chefe e 377 madrasta. Grande parte das vítimas relataram terem sido violentadas por amigos ou conhecidos, o que dificulta ainda mais a procura por ajuda e pelas autoridades superiores responsáveis por esses casos; uma vez que as vítimas se sentem sozinhas, sem condições de denunciar e assim entregar o agressor que já possui um forte vínculo com os mesmos (PLATT, 2018).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observou-se que a violência faz parte do cotidiano e faz-se necessário encontrar outros espaços para discussões; vale ressaltar que os resultados aqui encontrados revelam o perfil epidemiológico dos casos notificados de violência sexual, mas ainda há muitas coisas sobre essa temática a serem estudadas e debatidas, afim de uma melhor compreensão que auxilie na tomada de medidas preventivas e educativas aos públicos mais susceptíveis a este tipo de violência.

Outro fator que chama atenção na análise dos dados é a questão da necessidade do preenchimento correto das fichas de notificação e como essas informações estão sendo colhidas e registradas, o que acabou se tornando uma limitação devido ao alto número de notificações em branco ou ignoradas, vale ressaltar a relevância da quanto a capacitação e ao preenchimento completo e correto dos dados na ficha de notificação, afim de fornecer dados necessários a construção de políticas públicas adequadas contra o combate à violência sexual, identificando e punindo agressores, fornecendo apoio as vítimas.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BATISTA, Vanessa Carla *et al.* Perfil das notificações sobre violência sexual. **Rev. enferm.** UFPE online, p. 1372-1380, 2018.

DA SILVA OLIVEIRA, Yasmin *et al.* Epidemiologia da violência sexual infanto-juvenil no município de São Paulo. **Nursing** (São Paulo), v. 23, n. 271, p. 5055-5066, 2020.

DE SOUSA, Grazielly Mendes; DAMASCENO, Kamilla Chrystina Ferreira; BORGES, Livia de Carvalho Farias. Estratificação dos tipos de violência notificados pelo SINAN, no município de Porto Nacional, TO, em 2014. **Revista Interface (Porto Nacional)**, n. 11, 2016. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/267891013.pdf>. Acesso em: 03 de agosto de 2021.

FONTES, Luiz Felipe Campos; CONCEIÇÃO, Otavio Canozzi; MACHADO, Sthefano. Childhood and adolescent sexual abuse, victim profile and its impacts on mental health. **Ciencia & saude coletiva**, v. 22, p. 2919-2928, 2017.

GASPAR, Renato Simões; PEREIRA, Marina Uchoa Lopes. Trends in reporting of sexual violence in Brazil from 2009 to 2013. **Cadernos de saúde pública**, v. 34, n. 11, p. e00172617-e00172617, 2018.

KATAGUIRI, Lidieine Gonçalves *et al.* Characterization of sexual violence in a state from the southeast region of Brazil. **Texto & Contexto-Enfermagem**, v. 28, 2019.

LEITE, Franciele Marabotti Costa *et al.* Violence against women, Espírito Santo, Brazil. **Revista de Saúde Pública**, v. 51, p. 33, 2017.

MIRANDA, Millena Haline Hermenegildo *et al.* Violência sexual contra crianças e adolescentes: uma análise da prevalência e fatores associados. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 54, 2020.

PLATT, Vanessa Borges *et al.* Violência sexual contra crianças: autores, vítimas e consequências. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 23, p. 1019-1031, 2018.

ASSOCIAÇÃO DA VIOLÊNCIA E PRIMEIRO RELACIONAMENTO AFETIVO DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS

Rebeca de Sousa Costa da Silva¹, Giselle dos Reis Quintans¹, Gabriele Santos do Nascimento¹, Vitória Ribeiro dos Santos¹, Renata Clemente dos Santos², Emanuella de Castro Marcolino²

1. Acadêmica de enfermagem do Centro Universitário – UNIFACISA.
2. Docente do curso de enfermagem no CentroUniversitário - UNIFACISA (rebecadesousa0002@gmail.com)

Palavras-chave: Violência, Relacionamento; Estudante Universitários

INTRODUÇÃO

Em relacionamentos de afetivos existe envolvimento e uma interação entre ambos, com a intenção de que o mesmo seja duradouro, entretanto o fenômeno da violência nesses relacionamentos tem se tornado um problema sério e prevalente. Sendo caracterizada, como ato físico, psicológico ou sexual, que tenha por objetivo danificar a integridade física, psicológica ou sexual do indivíduo (ANTUNES *et al.*, 2016).

A violência nos relacionamentos íntimos ocorre com mais frequência entre jovens estudantes universitários do que no resto da população (KARAKURT *et al.*, 2013), demonstrando assim que a violência não surge apenas no casamento, e quase sempre estão ligadas ao consumo de substâncias e psicopatologias, e sofre grande influência cultural e da mídia (ATAÍDE, 2015). Estes fatores mostram que o namoro não é a melhor fase da vida nas relações de jovens casais (VELOSO, 2013).

Por muitas vezes, durante o relacionamento, os comportamentos violentos dos jovens agressores (VELOSO, 2013), e a atitude de induzir dominância sobre o outro de forma hierárquica (DUARTE, 2019) são compreendidos pelas vítimas como algo passageiro, fazendo assim com que não haja a identificação de um perfil agressor, levando as vítimas a não denunciar (VELOSO, 2013), o que prolonga a situação ao longo do tempo, aumentando a sua frequência e gravidade. Vale ressaltar, que as mulheres são as maiores vítimas de violência nos relacionamentos afetivos, e os homens são os maiores autores (DUARTE, 2019).

A violência psicológica, mostra-se a mais presente no namoro (SOUZA *et al.*, 2018), porém, por existir outras formas de violência mais explícitas, esta acaba por ser banalizada, o que não implicar que ela ocorra de forma isolada, uma vez que pode estar presente em um relacionamento afetivo mais de uma forma de violência (MARTINS, 2020). Tais situações podem produzir como impacto negativo na vida desses jovens, o estresse pós-traumático, uso de álcool e outras drogas e a ansiedade (MURTA, 2013).

OBJETIVOS

O presente estudo tem como objetivo determinar a associação entre a violência e o primeiro relacionamento afetivo entre universitários.

MÉTODOS

Trata-se de um estudo quantitativo, descritivo, analítico e transversal, realizado com estudantes universitários de uma universidade pública no município de Campina Grande-PB, Brasil. Foram selecionados estudantes de forma aleatória por conveniência, atendendo aos critérios de elegibilidade: maior que 18 anos, que estivesse em relacionamento afetivo há pelo menos dois meses; e como critérios de exclusão: aqueles que apresentavam união estável com divisão de domicílio.

Os dados foram coletados via Google Forms. Foi aplicado um instrumento de caracterização e a escala de táticas de conflito (CTS). Após coletado, os dados foram extraídos e analisados no *software* SPSS por meio do teste de quadrado de Fisher, sendo adotado significância estatística p -valor < 0,05. O estudo contou com a aprovação do comitê de ética e pesquisa sob parecer nº 3.982.340.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O estudo teve uma amostra de 55 estudantes dos cursos de enfermagem, medicina e psicologia. A maioria dos participantes (75%) indicaram que o relacionamento atual se tratava do primeiro relacionamento da vida, enquanto apenas 25% indicaram que não se tratava do primeiro relacionamento afetivo. A associação entre o relacionamento e a ocorrência da violência não apresentou significância do ponto de vista estatístico ($p=0,33$), entretanto, foi possível observar maior prevalência da ocorrência da violência entre estudantes que indicaram que estavam no primeiro relacionamento afetivo da vida ($n=34$; 72,3%).

De acordo com um estudo (ATAÍDE, 2015), a violência em geral no namoro é um acontecimento que age de forma ininterrupta e habitual, não se inicia apenas no casamento, mas também vem se iniciando durante as relações de namoro ainda na adolescência.

A maioria dos jovens e adolescentes podem se tornar vítimas ou agressores da violência porque muitas vezes sentem dificuldade de reconhecê-la quando vivenciam no próprio relacionamento, considerando o namoro como um ato de sacrifício e de resistir a tudo em busca da felicidade, favorecendo ainda mais a incidência desses casos (NASCIMENTO; CORDEIRO, 2011).

Um estudo realizado por González *et al.* (2016) com estudantes universitários com idade entre 18 e 28 anos, indicou que 62,3% dos participantes sofreram o primeiro ato de violência antes de completar um ano de relacionamento. Conforme o mesmo, essas relações violentas podem causar diversas consequências para os jovens como: desempenho acadêmico ruim, baixo autoestima, uso de substâncias, sintomas de depressão e ansiedade, além da alta probabilidade de recorrência desses atos na vida adulta. Sentimentos como amor e esperança na mudança do outro levam a uma continuidade do relacionamento, e desse modo a continuidade da violência.

O medo da reação do(a) companheiro(a) e da família também influenciam.

CONCLUSÃO

Este estudo evidenciou que não houve associação significativa entre violência e o primeiro relacionamento afetivo, porém, apontou uma maior prevalência da ocorrência da violência entre estudantes que estavam no primeiro relacionamento afetivo da vida.

Ressalta-se a necessidade de mais pesquisas sobre a temática a fim de aprofundar o conhecimento acerca dos elementos que constituem o ciclo de violência no namoro, e produzir a disseminação de informações, sobretudo para instrumentalizar os jovens e profissionais de saúde na identificação de situações de violência nos relacionamentos afetivos, sendo possível intervir precocemente na problemática.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Orlando *et al.* Violência nos relacionamentos íntimos em estudantes universitários. 2016. **Dissertação de Mestrado**. Disponível em:

<https://recil.grupolusofona.pt/bitstream/10437/7152/1/Viol%20c3%aancia%20nos%20relacionamento%20c3%adntimos.pdf>. Acesso em: 30 de jul. 2021.

ATAÍDE, Marlene Almeida. Namoro: uma relação de afetos ou de violência entre jovens casais?. **Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis**, v. 12, n. 1, p. 248-270, 2015.

DUARTE, Catarina Raquel da Silva. Violência no Namoro: Taxa de incidência em estudantes universitários. 2019. **Trabalho de Conclusão de Curso**. [sn]. Disponível em: https://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/8315/1/PG_Catarina%20Duarte.pdf. Acesso em: 31 de jul. 2021.

GONZÁLEZ, Mónica Guzmán *et al.* Asociación entre los estilos de apego y violencia física recibida en relaciones de noviazgo en estudiantes universitarios. **Revista argentina de clínica psicológica**, v. 25, n. 2, p. 177-185, 2016.

KARAKURT, Günnur; KEILEY, Margaret; POSADA, German. Intimate relationship aggression in college couples: Family-of-origin violence, egalitarian attitude, attachment security. **Journal of family violence**, v. 28, n. 6, p. 561-575, 2013.

MARTINS, Marta Cristina Leite. Conhecer para educar sobre violência no namoro em contexto universitário: o educador social como mediador na prevenção. 2020. **Tese de Doutorado**. Disponível em:

<https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/23152/1/Marta%20Martins.pdf>. Acesso em: 31 de jul. 2021.

MURTA, Sheila Giardini *et al.* Prevenção primária à violência no namoro: Uma revisão de literatura. **Contextos clínicos**, v. 6, n. 2, p. 117-131, 2013.

NASCIMENTO, Fernanda Sardelich; CORDEIRO, Rosineide de Lourdes Meira. Violência no namoro para jovens moradores de Recife. **Psicologia & Sociedade**, v. 23, p. 516-525, 2011.

SOUZA, Tatiana Machiavelli Carmo; PASCOALETO, Tainara Evangelista; MENDONÇA, Nayra Daniane. Violência contra mulher no namoro: percepções de jovens universitários. **Revista Psicologia e Saúde**, v. 10, n. 3, p. 31-43, 2018.

VELOSO, Nuno Miguel. Violência no namoro em estudantes universitários: prevalência e diferenças entre géneros. 2013. **Tese de Doutorado**. Disponível em: https://eg.uc.pt/bitstream/10316/25815/3/Tese_Violencia_Namoro.pdf. Acesso em: 30 de jul. 2021.

ASSOCIAÇÃO DA VIOLÊNCIA FÍSICA E O SEXO ENTRE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS

Fernanda Araújo e Farias¹, Fihama Pires Nascimento², Tamires Paula Gomes Medeiros¹, Lindemberg Arruda Barbosa², Gleicy Karine Nascimento de Araújo-Monteiro³, Emanuella de Castro Marcolino⁴

1. Acadêmica de medicina do Centro Universitário – UNIFACISA.
2. Acadêmica de enfermagem do Centro Universitário – UNIFACISA.
3. Docente do curso de enfermagem no Centro Universitário – UNIFACISA.
4. Docente dos cursos de enfermagem e medicina no Centro Universitário – UNIFACISA.

Palavras-chave: Agressão Física; Relacionamento; Violência de Gênero e Universitário.

INTRODUÇÃO

A violência física de acordo com Martins (2020) é uma prática caracterizada como quando uma pessoa utiliza a agressão física intencionalmente contra o outro com o objetivo de causar dano físico e ofender a integridade de sua saúde corporal. Esse comportamento pode estar incorporado em relacionamentos afetivos, em que o próprio parceiro torna-se o agressor, podendo estar associado a isso, a violência sexual (ANDRADE; LIMA, 2018).

A infidelidade e os ciúmes destacam-se como motivadores para conflitos e agressões, sendo estes, elementos principais para a prática da violência (OLIVEIRA *et al.*, 2016; ANTUNES, 2016).

No que concerne à prática da violência física nos relacionamentos afetivos, as mulheres, em sua maioria, demonstram atos violentos por defesa, além disso, socialmente existe uma banalização da violência feminina sob os homens, isto porque fisicamente não provoca danos graves, relatando-se como ação menos ofensiva e danosa quando comparado com o sexo oposto (OLIVEIRA *et al.*, 2016). Outrossim, por consequência do realce do patriarcado nas vivências sociais, os homens passam a tolerar mais a violência vinda do sexo feminino, bem como praticar mais pela mesma razão. Por conseguinte, quando perpetrada pelo o público masculino, a visão social é mais rígida e assertiva face ao julgamento, isso porque, em sua maioria, as sequelas são visíveis e mais danosas (OLIVEIRA *et al.*, 2016; ANTUNES, 2016).

OBJETIVO

Identificar a associação entre a violência física e o sexo entre estudantes universitários.

MÉTODO

Estudo descritivo, analítico do tipo transversal. Foi desenvolvido com estudantes universitários de uma universidade pública do município de Campina Grande-PB. Para realização deste estudo os dados foram coletados via Google Forms, após aprovação do comitê de ética e pesquisa, sob parecer de nº 3.982.340. Aos estudantes

abordados, foram explicados o propósito e objetivo desses dados. Assim, sendo incluídos os estudantes maiores de 18 anos, que estivesse em relacionamento afetivo há pelo menos dois meses, e excluídos aqueles que apresentavam união estável com divisão de domicílio. Foi aplicado um instrumento de caracterização e a escala de táticas de conflito (CTS). Após a coleta, os dados foram transportados e analisados no *Software Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS) por meio do Teste de Exato de Fisher, sendo adotado o valor de 5% para significância estatística (p -valor < 0,05).

RESULTADOS

A amostra foi composta por estudantes de enfermagem, medicina e psicologia totalizando 55 participantes. Dessas amostras, identificou-se que 89,5% ($n=51$) pertencem ao sexo feminino e 21,8%

($n=46$) dos estudantes apontam que sofreram violência física. No que diz respeito a associação entre as variáveis, identificou-se que não houve associação significativa sob o ponto de vista estatístico entre a violência física e o sexo (p -valor = 0,702), no entanto, a violência física foi mais prevalente entre os estudantes do sexo feminino (22,0%; $n=11$).

DISCUSSÕES

A violência no namoro é considerada, de acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), um comportamento incorporado em uma relação íntima que causa dano físico, sexual e/ou psicológico, contendo atos de agressão física, coação sexual, abuso psicológico e comportamentos dominadores (HERCULAN, *et al.* 2020).

A violência física - ato de causar danos físicos ou orgânicos podendo ou não deixar marcas - é um grave problema de saúde pública e social, bem como um ato de violência pontual ou contínuo, num contexto de uma relação de namoro (MARTINS, 2021).

De acordo com dados obtidos no presente estudo, houve uma prevalência de mulheres que já sofreram violência física. Tal resultado também foi obtido por LAGE (2019),

onde a vitimização de mulheres é justificada por serem tratadas com violência, assumindo um papel de subordinação. Muitas mulheres, em algum momento de suas vidas, terão estado ou estarão inseridas numa relação abusiva que envolve atos de violência.

Analisando essa incidência de violência física, por meio de relatos, Oliveira *et al.* (2016) observou que existe uma interpretação e relação da violência na construção da masculinidade, se expressando como formas que qualificam a agressão física como algo intrínseco ao ser homem.

Diversas causas aumentam essa prática tais como o uso de substâncias ilícitas, o início precoce de uma atividade sexual, o convívio com amigos que vivenciam essa mesma prática, a violência intrafamiliar e doméstica, o descontrole da raiva e do ciúme e, ainda, o sentimento de insegurança e cuidados precários recebidos por pais. Ademais, dentre os fatores de risco associados, destaca-se a crença de que a violência no relacionamento é aceitável ou algo comum,

podendo causar depressão, ansiedade e sintomas relacionados à agressividade (SOUZA, *et al.* 2018).

CONCLUSÃO

O presente estudo conclui que não teve uma associação significativa do ponto de vista estatístico entre a violência física e o sexo, em virtude da discrepância no que concerne essa variável, visto que, há uma predominância do público feminino (89,5%; n=51) quando comparado ao masculino (10,5%; n=6), contudo as universitárias apresentaram maior prevalência de violência física no relacionamento afetivo. Dessa forma, verifica-se a necessidade de uma homogeneização do sexo em próximas pesquisas, para que possíveis associações e incidências sejam identificadas. Todavia, espera-se que esse trabalho sirva de insumo para formulação de novos estudos com a finalidade de solucionar essa problemática.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, T. A.; LIMA, A. O. Violência e namoro na adolescência: uma revisão de literatura. **Desidades**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-35, jun. 2018.

ANTUNES, O. Violência nos relacionamentos íntimos em estudantes universitários. 2016. 108 f. Dissertação (Mestrado) - **Escola de Psicologia e Ciências da Vida, Universidade Lusófona de Humanidade e Tecnologias**, Lisboa, 2016.

HERCULAN, M. A. F. C.; SOUSA, A. A. S.; SOUSA, C. M. S.; GURGEL, L. C.; CORDEIRO, A. A.; LIMA, M. N. C. F.; PIMENTEL, M. Z. C. F.; HERCULANO, G. M. C.; SANTANA, W. J.; LUZ, D. C. R. P. **Representações sociais de violência no namoro em adolescentes: uma revisão sistemática**. Revista Eletrônica Acervo Saúde, [S.L.], v. 12, n. 7, p. 1-12, 21 maio de 2020.

LAGE, A. F. F. Percepção dos jovens adultos sobre a violência no namoro: estudo das diferenças. 73 f. Dissertação (Mestrado) - **Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Católica Portuguesa**, Braga, 2019.

MARTINS, C. F. Violência no namoro: estudo com adolescentes em escolas no concelho de Caciais. 130 f. Dissertação (Mestrado) - **Instituto de Serviço Social, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias**, Lisboa, 2021.

MARTINS, M. C. L. (2020) Conhecer Para Educar Sobre Violência no Namoro em Contexto Universitário: O Educador Social como Mediador na Prevenção. 123 f. Dissertação (Mestrado) - **Escola Superior de Educação de Bragança, Instituto Politécnico de Bragança**, Bragança, 2020.

OLIVEIRA, Q. B. M.; ASSIS, S. G.; NJAINE, K.; PIRES, T. O. Violência Física Perpetrada por Ciúmes no Namoro de Adolescentes: um recorte de gênero em dez capitais brasileiras. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, [S.L.], v. 32, n. 3, p. 1-12, jul. 2016.

SOUZA, T. M. C.; PASCOALETO, T. E.; MENDONÇA, N. D. Violência contra mulher no namoro: percepções de jovens universitários. **Revista Psicologia e Saúde**, [S.L.], p. 31-43, 15 out. 2018.

VIOLÊNCIA CONTRA O GÊNERO FEMININO DURANTE A CRISE PELA COVID-19

Anailda Fontenele Vasconcelos¹, Ana Luísa Vasconcelos dos Santos², Francisca Geisa Silva Martiniano³,
Vitória Maria Almada Bezerra⁴; Maraci Rodrigues Soares Passos⁵

1. *Graduada em Enfermagem pelo Centro Universitário INTA-UNINTA*
2. *Graduada em Fisioterapia pelo Centro Universitário INTA-UNINTA*
3. *Graduada do Curso de Enfermagem do Centro Universitário INTA-UNINTA (anaildafontenelevasc@gmail.com).*

Palavras-chave: *Pandemia; Violência Contra a Mulher; Isolamento Social*

INTRODUÇÃO

Diante da alta disseminação do referido vírus, no dia 11 de março, a Organização Mundial da Saúde (OMS) definiu a doença como uma pandemia. Visto isso, vários países, adotaram o isolamento social como medida de contenção. A identificação dos casos suspeitos e confirmados, o rastreamento das pessoas que tiveram contato com estes casos e o isolamento são medidas fundamentais para obter o controle da transmissão por um período de tempo maior e evitar assim um surto (HELLEWELL *et al.*, 2020).

Com isso, ao se considerar as medidas de isolamento social, subentende-se um maior convívio entre familiares, assim como, entre pessoas que residem no mesmo domicílio. Em meio a estas condições, obteve-se e ainda obtêm problemas de relacionamento, dentre estes a violência contra o sexo feminino (DE BARROS *et al.*, 2020).

A violência contra a mulher, definida como qualquer ato de violência motivado por gênero que resulta, ou é provável de resultar, em dano físico, sexual, psicológico ou sofrimento a mulher, incluindo ameaças de tais atos, coerção, ou privação arbitrária de liberdade, ocorrendo em vida pública ou privada (ONU, 1993), continua sendo um relevante problema de saúde pública global.

Mesmo em um meio escasso de evidências sobre os efeitos do isolamento em relação à violência contra a mulher, os relatórios de organizações internacionais e nacionais, além das notícias divulgadas na mídia brasileira, sugerem um crescimento dessa forma de violência. A mesma reflete impactos sobre a vida da mulher, podendo resultar em sérios danos à saúde física, mental, sexual e reprodutiva, incluindo sobrecarga emocional, infecções sexualmente transmissíveis e gravidez indesejada. Além disso, impactos sociais e econômicos com repercussão em toda a sociedade são observados. As mulheres podem se tornar isoladas e incapacitadas para o trabalho, podem não participar mais de atividades diárias e perder as forças para cuidar de si e de seus filhos (PETERMAN *et al.*, 2020).

OBJETIVOS

Realizar uma síntese sobre a violência contra o gênero

feminino durante a crise pela COVID-19.

METODOLOGIA

O presente estudo trata-se de uma pesquisa bibliográfica do tipo revisão de literatura, com abordagem qualitativa. Para a fundamentação das informações foram feitas pesquisas em artigos científicos retirados por via internet, através da Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), nas bases de dados SCIELO (*Scientific Electronic Library Online*), LILACS (Literatura Latino Americana) e BDNF-Enfermagem, em agosto de 2021, com base nos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS): Pandemias, Violência contra a Mulher e Isolamento Social com o conectivo booleano *and*, onde encontrou-se 15 artigos.

Os critérios de inclusão empregados foram: texto completo disponível, nos idiomas português, inglês ou espanhol, com publicação de 2016 a 2021 e critérios de exclusão que foram: artigos repetidos e que não se enquadrassem ao escopo do estudo, o que levou a totalizar 6 artigos para análise.

Cada artigo foi submetido à leitura do título e do resumo para verificar a presença de elementos que pudessem auxiliar na compreensão da temática estudada e posteriormente, realizou-se a leitura completa dos artigos selecionados. Salienta-se que o presente estudo foi desenvolvido conforme os preceitos éticos e legais propostos pela Resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) (BRASIL, 2012).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Com base na busca realizada, os resultados encontrados na literatura apontaram que, segundo o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2019), a pandemia a qual estamos vivenciando, trouxe a reflexão de uma realidade pouco observada: ainda em 2015 mulheres já chefiavam 28,9 milhões de famílias, e o que deveria ser para todos sinônimo de segurança e tranquilidade, para as mulheres tornaram-se um lugar de medo e perigo, visto que a grande maioria dos feminicídios são praticados por parceiros ou ex-parceiros íntimos da vítima em sua residência.

O diretor geral da OMS demonstrou preocupação com o crescimento da violência no ambiente doméstico contra o gênero feminino, relacionado às medidas de isolamento social impostas na pandemia. É válido ressaltar a necessidade da discussão sobre as consequências das medidas de controle da COVID-19 para as vítimas da violência doméstica, uma vez que em domicílios em que ocorre violência contra a mulher geralmente verifica-se também violência contra crianças e adolescentes. Porém, um ponto necessário a ser ressaltado é que a violência doméstica não é um problema novo trazido por consequência deste cenário vivenciado, pois o que ocorre é a potencialização de um problema que acompanha a sociedade ao longo de toda a sua história (VIEIRA; GARCIA; MARCIEL, 2020).

Em meio ao isolamento social esteja a mulher trabalhando em casa ou tentando manter a renda através de um serviço informal, as tarefas de casa não diminuem, pelo contrário, aumentam conforme mais pessoas ficam em casa por um período de tempo maior (GHOSHAL, 2020).

Em situações de crise, como a atual, há uma exacerbação do poder de gênero já existente na sociedade, situação que provoca desigualdades socioeconômicas e aumento da violência contra a mulher, especialmente em situação de quarentena. Essa sobrecarga feminina nos cuidados com a casa, marido, filhos e outros familiares, pode reprimir a capacidade das mulheres de esquivar-se de conflitos como agressor, tornando-a mais sujeita à violência psicológica e coerção sexual (MARQUES *et al.*, 2020).

Houveram relatos de aumento da violência doméstica durante a pandemia, e ao mesmo tempo diminuição do acesso aos serviços de apoio às vítimas como setores de assistência social, saúde e segurança pública devido à redução das atividades laborais nesses setores impostas pelas regras de isolamento social (ROESCH, 2020).

Os serviços de saúde e segurança são os primeiros da rede de apoio a serem contactados, e as limitações de acesso a esses serviços associado à diminuição da procura em função do medo de exposição ao contágio pela COVID-19, assim como, o redirecionamento da atenção prioritária das instituições de saúde para o atendimento de casos suspeitos e confirmados de COVID-19 resultam em uma diminuição da busca por ajuda por parte das vítimas (MARQUES *et al.*,

2020).

Diante desse cenário, a Agência do Senado (2020) publicou em 8 de julho de 2020 a aprovação da Lei 14.022/20, a qual busca garantir atendimento a mulheres vítimas de violência durante pandemia. A nova lei determina que órgãos e serviços de atendimento a vítimas de violência doméstica passem a ser reconhecidos como essenciais e que tenham funcionamento permanente. Tal lei ainda permite que o registro da ocorrência de violência doméstica e familiar contra a mulher possa ser realizado pela internet ou número de telefone de emergência, além de assegurar que as autoridades possam adotar medidas protetivas urgentes de forma online (ALMEIDA; MARTINS; DIAS, 2020).

Em suma, em meio a tudo que foi explanado, reflete-se que ao prevenir a violência no presente há um rompimento do ciclo de violência entre gerações e consequentemente a melhora da qualidade de vida de gerações futuras (ROSEBOOM, 2020). Portanto, a limitação encontrada para o desenvolvimento deste estudo, refere-se ao pequeno número de trabalhos encontrados, fato este que pode ser explicado pelo teor recente da temática, sendo, portanto, ainda pouco abordado.

CONCLUSÕES

Embora existam leis e delegacias voltadas em prol das mulheres que sofrem violências, a cultura machista ainda se torna muito presente em nosso meio, e isso torna-se preocupante para a população. Em meio a esses grandes números, o assunto vem repercutindo cada vez mais nas redes sociais, como também em todos os tipos de veículos de comunicação.

É imprescindível a criação de medidas de conscientização e encorajamento para que a vítima possa identificar e enfrentar de forma mais amena a situação vivenciada, proporcionando assim, reflexões sobre a realidade sobre seu pensar e agir.

Enfim, a atual situação interferiu de forma abrupta em todos os processos da vida do ser humano, e contribuir para a comunidade científica desenvolvendo trabalhos com este teor torna-se essencial, pois preencherá lacunas oriundas da falta de informações claras e verdadeiras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Amanda Marques; MARTINS, Flávia Vicentini; DIAS, Cleusa Cascaes. Violência contra a mulher em tempos de pandemia do SARS-CoV2 no Estado de São Paulo. **Revista Interdisciplinar de Saúde e Educação**, v. 1, n. 2, p. 8-20, 2020.

BALBINOTTI, Izabele. A violência contra a mulher como expressão do patriarcado e do machismo. **Revista da ESMESC**, v. 25, n. 31, p. 239-264, 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 466 de 12 de dezembro de 2012**: diretrizes e normas reguladoras de pesquisa envolvendo seres humanos. Brasília: Ministério da Saúde, 2012b. Disponível em: <http://www.conselho.saude.gov.br/tesolucoes/2012/Reso466.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2021.

DE BARROS LIMA, Andréa Maria Eleutério *et al.* Violência contra a mulher em tempos de pandemia da COVID-19 no Brasil. **Revista Enfermagem Atual In Derme**, v. 93, p. e020009-e020009, 2020.

DORIGON, Alessandro; SILVÉRIO, Brena Cristina. **A violência contra mulher e a aplicação da Lei Maria da Penha e do feminicídio**. Disponível em: <https://ambitojuridico.com.br/edicoes/revista-169/a-violencia-contra-mulher-e-a-aplicacao-da-lei-maria-da-penha-e-do-feminicidio/>. Acesso em: 12 mar. 2021.

GHOSHAL, Rakhi. Twin public health emergencies: Covid-19 and domestic violence. **Indian J Med Ethics**, v. 5, p. 1-5, 2020.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. Editora Atlas SA, 2008.

HELLEWELL, Joel *et al.* Feasibility of controlling COVID-19 outbreaks by isolation of cases and contacts. **The Lancet Global Health**, v. 8, n. 4, p. e488-e496, 2020.

MARQUES, Emanuele Souza *et al.* Violence against women, children, and adolescents during the COVID-19 pandemic: overview, contributing factors, and mitigating measures. **Cadernos de saude publica**, v. 36, p. e00074420, 2020.

ONU. Organização das Nações Unidas. **Declaration on the elimination of violence against women**. Genebra: ONU, 1993. Disponível em: <https://documents-dds-ny.un.org/doc/UNDOC/GEN/N94/095/05/PDF/N9409505.pdf?OpenElement>. Acesso em: 11 de mar. 2021.

PETERMAN, Amber *et al.* **Pandemics and violence against women and children**. Washington, DC: Center for Global Development, 2020.

PRODANOV, Cleber Cristiano; DE FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico-2ª Edição**. Editora Feevale, 2013.

ROESCH, Elisabeth *et al.* Violence against women during Covid-19 pandemic restrictions. 2020.

ROSEBOOM, Tessa J. Violence against women in the Covid-19 pandemic: we need upstream approaches to break the intergenerational cycle. **BMJ**, v. 369, 2020.

VIEIRA, Pâmela Rocha; GARCIA, Leila Posenato; MACIEL, Ethel Leonor Noia. The increase in domestic violence during the social isolation: what does it reveals? **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 23, 2020.

WASELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da violência 2015**: homicídio de mulheres no Brasil. Brasília: ONU, 2015.

ZHU, Na *et al.* A novel coronavirus from patients with pneumonia in China, 2019. **New England journal of medicine**, 2020.



ÍNDICE REMISSIVO

- Adolescente, 20
- Adolescentes, 4
- Agressão Física, 38
- Armas de Fogo, 13
- Atendimento Hospitalar, 17
- Ciências Forense, 26
- Coronavírus, 9
- Crianças e Adolescente, 17
- Enfermagem, 7, 8, 20, 26
- Enfermagem Forense, 1, 2, 26, 29
- Entomologia forense, 5
- Equipe de Assistência ao Paciente, 9
- Estudante Universitário, 10, 35
- Idade, 23
- Insetos necrófagos, 5
- Isolamento Social, 41
- Jovens, 13
- Lesão, 3
- Maus-tratos infantis, 1
- Maus-tratos infantis; Enfermagem Forense; Notificação de abuso, 1
- Medicina Legal, 2
- Morte, 5
- Mulher, 6, 8
- Notificação, 32
- Notificação de abuso, 1
- Óbito, 3
- Pandemia, 6, 7, 41
- Pandemias, 9
- Perfil Epidemiológico, 32
- Prova Pericial, 2
- Relacionamento, 35, 38
- Relacionamento Afetivo, 23, 29
- Sexo, 10
- Tráfico de Pessoas, 20
- Universitário, 38
- Universitários, 29
- Violência, 3, 4, 7, 8, 10, 13, 35
- Violência Contra a Mulher, 41
- Violência de Gênero, 38
- Violência doméstica, 6
- Violência por Parceiro Íntimo, 4
- Violência Psicológica, 23, 29
- Violência sexual, 32
- Violência Sexual, 2, 17